

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC CURSO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

MARIA GABRIELA SOUSA DE LIMA

**BALANÇA DE PODER NO ORIENTE MÉDIO
A Dinâmica do Choque das Potências na Guerra Civil Síria (2011 a 2018)**

RECIFE

2018

MARIA GABRIELA SOUSA DE LIMA

BALANÇA DE PODER NO ORIENTE MÉDIO
A Dinâmica do Choque das Potências na Guerra Civil Síria (2011 a 2018)

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Antônio Henrique Lucena

RECIFE
2018

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB/4/2116

L732b Lima, Maria Gabriela Sousa de.
Balança de poder no Oriente Médio: a dinâmica do choque das potências na Guerra Civil Síria (2011 a 2018) / Maria Gabriela Sousa de Lima. – Recife, 2018.
67f.: il. color.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Henrique Lucena.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Relações Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2018.
Inclui bibliografia

1. Relações internacionais. 2. Síria. 3. Conflito. 4. Dinâmica das potências. 5. Balança de poder. I. Lucena, Antonio Henrique. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2019-224)

MARIA GABRIELA SOUSA DE LIMA

BALANÇA DE PODER NO ORIENTE MÉDIO
A Dinâmica do Choque das Potências na Guerra Civil Síria (2011 a 2018)

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: ____/____/____

Nota: ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Orientador Antônio Henrique Lucena
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof. Dr. Maurício de Albuquerque Wanderley
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof. Dr. Thales Cavalcanti Castro
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Agradecimento

Agradeço sobretudo minhas companheiras de vida que, com carinho e apoio, não mediram esforços para que chegasse até esta etapa da vida, além da capacidade imensurável de acreditar e investir em mim. Mãe, Vó e Irmã, muito obrigada pelo seu aconchego, dedicação e amor em todos os momentos, as mulheres batalhadoras que são incentivam a seguir meu caminho no dia a dia. Eu amo muito vocês.

Ao meu grande companheiro Mike, muito obrigada por me encorajar mesmo que subjetivamente. Você é muito importante para mim. Amo-te.

Aos meus amigos e familiares, que sempre me ajudaram nos principais caminhos a serem tomados.

E ao meu Orientador Antônio Lucena agradeço por ter me dado o prazer de compartilhar de seus conhecimentos e pela paciência dedicada nesse processo.

RESUMO

As práticas da balança de poder na contemporaneidade e a dinâmica das potências na Guerra Civil Síria são complexas e desafiadoras. Considerada como a maior crise humanitária do século XXI, o embate sírio inclui mais de 500 mil mortes e cerca de 16 milhões de refugiados e deslocados, além disso, o país sofre com grande quantidade da população abaixo da linha de pobreza. O conflito já era complicado apenas quando se resumia ao governo e opositores locais, e se tornou mais complexo com a entrada do Estado Islâmico e envolvimento direto de vários países, inclusive externos. Sendo assim, comprovado o elevado grau de internacionalização desse contexto que, por consequência, causou a dinâmica do choque das potências. O estudo completo das circunstâncias estimuladoras desse confronto na região desempenha um papel fundamental na compreensão dos fatores iniciais do confronto, nos atores envolvidos e no processo de impacto entre os interesses divergentes ao decorrer do conflito. Desta forma, o discurso teórico deste debate torna-se essencial no estudo das Relações Internacionais. Este trabalho apresenta através de perspectivas históricas e conceituais, a relevância do estudo do Sistema Internacional focalizado em acontecimentos sírios, a fim de atingir a clareza das suas consequências devastadoras em um âmbito mundial.

Palavras-chave: Síria; Conflito; Dinâmica das potências; Balança de poder.

ABSTRACT

The practices of the contemporary balance of power and the dynamics of the powers in the Syrian Civil War are complex and challenging. Considered to be the largest humanitarian crisis of the 21st century, the Syrian clash includes more than 500,000 deaths and about 16 million refugees and displaced people. In addition, the country suffers with large numbers of people below the poverty line. The conflict was complicated only when it came to the local government and opposition, and became more complex with the entry of the Islamic State and direct involvement of several countries, including foreign ones. Therefore, the high degree of internationalization of this context, which, as a consequence, caused the dynamics of the power clash was proved. The full study of the stimulating circumstances of this confrontation in the region plays a fundamental role in understanding the initial factors of confrontation, in the actors involved, and in the process of impact between divergent interests in the course of the conflict. In this way, the theoretical discourse of this debate becomes essential in the study of International Relations. This work presents, through historical and conceptual perspectives, the relevance of the study of the International System focused on Syrian events, in order to reach the clarity of its devastating consequences in a worldwide scope.

Keywords: Syria; Conflict; Power Dynamics; Balance of power.

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E MAPAS

GRÁFICO 1 – AS ESCOLAS DO REALISMO

TABELA 1 – FREQUÊNCIA EM DÉCADAS DOS DIVERSOS SISTEMAS

TABELA 2 – EQUILÍBRIO DE COMPORTAMENTO

MAPA 1 – DIVISÕES ADMINISTRATIVAS DA SÍRIA OTOMANA

MAPA 2 – DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS MINORITÁRIOS SÍRIOS

TABELA 3 – BALANÇA DE PODER NA SÍRIA

LISTA DE SIGLAS

URSS – UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS

EUA – ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

EI – ESTADO ISLÂMICO

CIA – CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY

FSA – FREE SYRIAN ARMY

SNC – SYRIAN NATIONAL COUNCIL

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 PERSPECTIVA REALISTA SOBRE BALANÇA DE PODER.....	12
1.1 Realismo – Uma breve análise teórica	12
1.1.1 O conceito de poder na teoria Realista	15
1.2 Balança (ou equilíbrio) de poder	17
1.2.1 Assimetria no balanceamento de poder	23
2 SÍRIA E O GOVERNO BASHAR AL-ASSAD.....	28
2.1 Síria.....	28
2.2 Bashar Al-Assad chega ao poder.....	32
2.3 O episódio da Primavera Árabe.....	39
3 EQUILÍBRIO DE PODERES	44
3.1 Balança de Poder Síria.....	44
3.2 Prós e Contras ao Governo Bashar Al-Assad.....	49
3.3 Os principais atores influenciadores no contexto Sírio	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63

INTRODUÇÃO

Quando se analisa a dinâmica dos seres humanos enquanto sociedade, é percebido como o corpo social estrutura-se via compartilhamento de propósitos, gostos, preocupações, regras e costumes. Conseqüentemente, assim formando uma interação que, no primeiro momento, tende a criar um sentido de coletividade. A partir disso, em âmbitos maiores é constituído o Sistema Internacional, no qual os atores comportam-se com base nas intenções e movimentos de acordo com o ambiente – seja político, econômico, militar, social, ou até mesmo cultural.

Durante o desenvolvimento da comunidade internacional mudando os modelos institucionais de segurança, há um dos mais complexos, que é aplicável aos dias atuais: um sistema de balança de poder. O conceito é rico de várias definições, todavia, no seu sentido tradicional significa a capacidade de preservar a paz no mundo, ou melhor, ainda, equilibrar as posições existentes das grandes potências com base em poder aproximadamente igual – principalmente militar e econômico (JEROTIJEVIĆ & PALEVIĆ, 2016).

Contudo, o historiador grego Tucídides acreditava que as relações entre os estados se baseiam principalmente na força e não na lei e na moralidade. Como acima do estado não há sistema para manter a ordem internacional, cada país deveria trabalhar para fortalecer seu poder, para que quando chegasse o momento da eclosão do conflito poderia ser tão bem sucedido quanto possível para proteger seus interesses – estes que muitas vezes se coloca invisível aos olhos da população, isto porque as potências procuram esconder muitas vezes seus verdadeiros interesses no que tange a política relacionada ao seu regime e a dinâmica interestatal.

Ademais, essa antiga visão de mundo não mudou muito até o começo do novo século. O grande filósofo alemão, Hegel enfatizava a força como um valor universal, dando a guerra como um meio de política, de especial importância. Muitos estudiosos modernos das relações internacionais representam uma visão similar e considera que a força, bem como a capacidade de impor à vontade de uma pessoa a outra, um constante padrão nas relações entre estados.

Em vista disso, a guerra civil iniciada na Síria em meados de 2011 obrigou ao povo a se apegarem mais firmemente a suas identidades sectárias, seja por interesse próprio socioeconômico ou simplesmente por sobreviver. Desse modo, à medida que a guerra aparentemente interminável da Síria se arrasta, as perguntas incômodas sobre

suas causas iniciais e as dinâmicas atuais ainda precisam ser totalmente respondidas, particularmente em comparação com outras crises regionais.

Em muitos aspectos, o conflito sírio foi tirado das mãos dos próprios sírios, tornando-se uma guerra por procuração entre as forças regionais e internacionais que frequentemente exploram a sociedade dividida do país em benefício próprio (HINNEBUSCH, 2001). No entanto, essa fragmentação sectária não foi criada quando a guerra começou e sim, uma herança deixada desde o Império Otomano cujas características foram acentuadas pela política de “dividir para reinar” de Hafez – pai do atual governante sírio Bashar Al-Assad.

Conseqüentemente, levando em consideração o fato de as relações internacionais serem um dos grandes pilares da sociedade, constata-se que o contexto da Guerra Civil Síria é um ponto social relevante na construção histórica mundial. Tudo isso levando ao questionamento que norteará este trabalho: “Como podemos entender o balanceamento de poder no Oriente Médio pela Guerra na Síria?”.

O estudo de caso em questão se desenvolverá de forma qualitativa, ou seja, uma pesquisa descritiva em que a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo da análise. Somando-se a esses pontos, a pesquisa também poderá ser classificada como pesquisa exploratória, pois busca levantar informações sobre o que se pode entender a respeito do equilíbrio de poderes no Oriente Médio a partir do contexto do conflito sírio, delimitando então um campo de trabalho para mapear as condições de manifestação deste.

Pode-se mencionar bem como uma pesquisa descritiva, pois visará proporcionar maior familiaridade com o problema tornando-o mais explícito, buscando identificar suas causas. Por fim, do ponto de vista dos procedimentos técnicos será utilizada a pesquisa bibliográfica, elaborada através de artigos e livros já publicados, além de sites específicos sobre o assunto disponíveis na internet.

No primeiro capítulo haverá a contextualização das relações internacionais via a escola Realista, assim como serão abordados seus principais pontos considerados comuns ao contexto conflituoso em que o mundo se encontra – a exemplo, principalmente do poder e sobrevivência dos Estados. Por conseguinte, se ligando diretamente a balança de poder que rege o sistema. Assim como também algumas críticas sobre o mesmo, as quais descrevem um horizonte temporal que abarca os anos 1980 e 90 dentro de uma nova ordem mundial – sendo esta nova ordem já no século

XXI desenvolvida a partir de outros temas que constroem a complexidade da política internacional assimétrica.

Já no segundo capítulo irá abordar uma compreensão mais completa do papel que o sectarismo desempenhou na guerra da Síria e reavaliar a noção de que os esforços de divisão do regime transformaram a revolução secular e democrática de 2011 no brutal conflito sectário de hoje. Dessa maneira, dando uma breve análise sobre como seu deu o governo na história da região, e também abordar um pouco sobre o regime Hafez e seus fortes resquícios de governabilidade – os quais foram passados ao seu filho Bashar. Por fim, uma linha do tempo será feita desde a chegada de Al-Assad ao poder ao surgimento e consequências do episódio denominado Primavera Árabe.

Enquanto no terceiro irá explorar os principais atores influenciadores no contexto Sírio, iniciando com uma análise sobre a balança de poder na região, tratando acerca da estruturação do regime Bashar, este que se constituiu de muitos aliados tais como opositores. Os quais também serão analisados a partir de seus respectivos interesses no país em conflitos. Certamente, Assad usou todos os meios necessários para permanecer no poder, incluindo táticas que exacerbam as tensões inter-religiosas, mas nem ele nem seu pai criaram essas divisões - elas só exploraram as vulnerabilidades preexistentes da sociedade síria. Analisar essas vulnerabilidades pode esclarecer o curso atual da guerra, ou seja, além das questões feitas pelo governante sírio, serão avaliadas as atuações das principais regiões influentes na Guerra Civil.

Considerando-se o tema abordado, e o que ele discute – as interações sociais ocorridas entre potências internacionais, regionais e grupos rebeldes – é de extrema relevância debatê-lo, como foi bem colocado acima, porém essa discussão precisa ocorrer em âmbito internacional. Isso porque o objeto de discussão das Relações Internacionais é, justamente, não só as relações sociais, mas também as diversas interconexões que ocorrem no mundo, trabalhando sempre suas causas e consequências, assim como procuram dar explicações e/ou resoluções para tais.

Portanto, é percebido a grande importância e efeito da Guerra Civil Síria no cenário internacional, mais precisamente no contexto político-externo entre o país sírio e as intervenções de potências regionais e internacionais. Constatando-se, desta forma, que este conflito não apenas sofre pressão e influência das questões locais, mas também de regiões soberanas, as quais apoiando lados distintos do confronto, conseqüentemente, alerta a previsão de um futuro altamente perigoso à população Síria, colocando assim, os próximos passos dessas relações internacionais em cheque.

1 PERSPECTIVA REALISTA SOBRE BALANÇA DE PODER

1.1. Realismo – Uma breve análise teórica

O Sistema Internacional devido a sua grande riqueza de funcionamentos existentes traz consigo uma carga de estudiosos a fim de construir métodos e conceitos que melhor o definem. Possibilitando então, uma amplitude de concepções características das Relações Internacionais, dentre as quais, a teoria Realista tende a se impor como a mais dominante no meio de visões analistas, pois defendem uma interpretação mais coincidente com as dimensões do poder e do interesse presente na política mundial¹. Com isso, os fenômenos realizados pelos homens para além das fronteiras, ou seja, pelo espaço internacional muitas vezes pouco conhecido – ou até mesmo desconhecido – desenham o cenário da política internacional, sendo assim por intermédio de relações e negociações quase sempre conflituosas.

O contexto de rivalidade entre os homens sempre se fez presente no decorrer da história da humanidade, mostrando assim a existência de um caráter conflituoso desde os primórdios até os dias atuais. Seja em conflitos de âmbito nacional ou internacional, as partes envolvidas sempre possuem um foco em comum: a conquista de poder e/ou propriedade. Com base nisso, podemos observar na frase do dramaturgo romano Plauto, “o homem é o lobo do homem²”, a comprovação de que eles estariam dispostos a fazer de tudo um pouco para atingir seus objetivos, já que para o pensador, a natureza humana é regida pelo egoísmo e pela autopreservação.

Baseado nesse contexto de possíveis eternas disputas no âmbito mundial torna-se bastante oportuno associar com o pessimismo abordado pelos teóricos realistas como John Mearsheimer, por exemplo. Os quais sustentam a ideia de que não há um único Estado soberano nas relações internacionais, havendo então a coexistência de vários atores defensores de suas sobrevivências, conseqüentemente, causando à anarquia do sistema (NOGUEIRA & MESSARI, 2005).

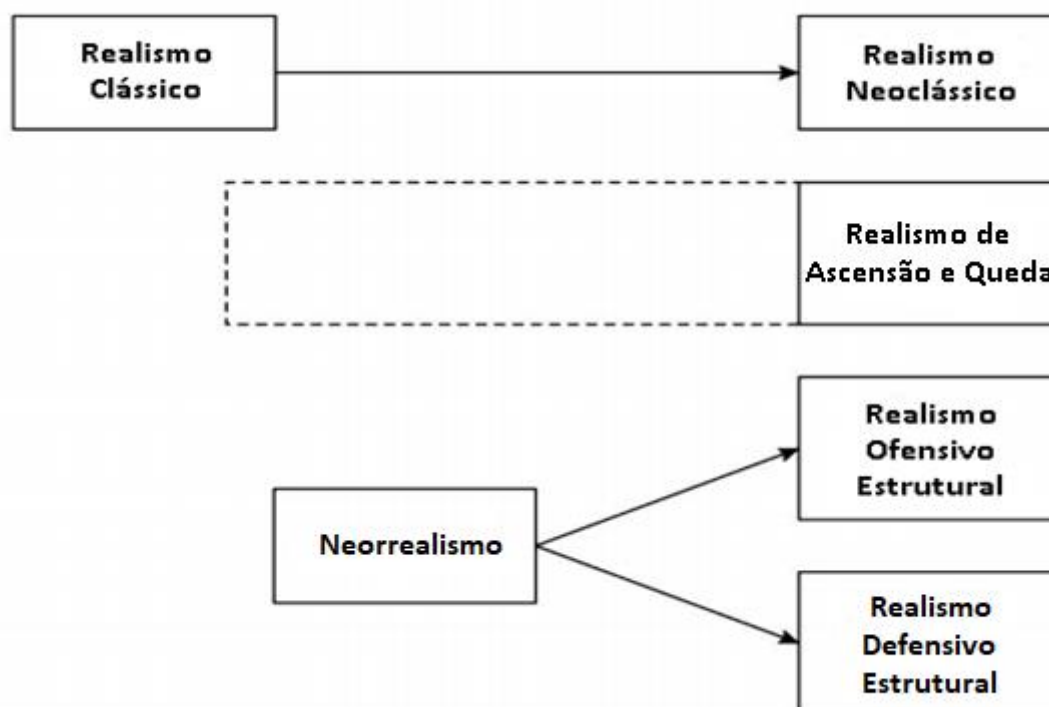
O Realismo possui uma ampla rede de princípios, questões históricas e pensadores, como resultado, estabelece uma tarefa difícil aos estudiosos em definir

¹ No final da década de 1960 e no decorrer da década de 1970, vários desafios se impuseram ao realismo como teoria dominante das Relações Internacionais. Esses desafios tinham duas origens: a evolução da política internacional e a evolução da própria disciplina (NOGUEIRA & MESSARI, 2005).

² Essa frase vem do latim “HOMO HOMINI LUPUS”. Foi criada por Plauto (254-184 a.C.) em sua obra chamada *Asinaria* e, bem mais tarde, foi popularizada por Thomas Hobbes, filósofo inglês do século XVIII.

premissas comuns a todas as vertentes do realismo. Segundo Colin Elman (2013), a abordagem realista pode ser dividida respectivamente em seis linhas históricas diferentes: o Realismo Clássico; o Neorrealismo; e quatro tipos de realismo contemporâneo – os quais estão entre a Ascensão e Queda da teoria; o Neoclássico; o Estrutural ofensivo e defensivo. Conforme gráfico abaixo:

GRÁFICO 1 – AS ESCOLAS DO REALISMO



FONTE: Extraído e Adaptado – WILLIAMS (2013).

Suas fontes clássicas têm raízes em filósofos como Tucídides, Maquiavel e Hobbes, os quais trazem a ideia de que os atores estatais estão continuamente na problemática para expandir suas capacidades³. Com isso, tais pensamentos influenciaram os futuros teóricos realistas clássicos como E.H Carr e Hans Morgenthau, ocasionando a publicação de dois importantes livros para o realismo e o século XX: o famoso “Vinte Anos de Crise 1919-1939” (E. H. Carr, 1939) e o aclamado “A Política entre as Nações: a luta pelo poder e pela paz” (Hans Morgenthau, 1948). Além desses, seguindo as vertentes que compõem o Neorrealismo, há os pensamentos advindos do

³ A percepção da natureza humana é sustentada em uma avaliação que a identifica como propensa à conquista, egoísta e predatória – segurança, glória, prestígio são objetivos a serem perseguidos (PECEQUILO, 2004).

teórico Kenneth Waltz, o qual a partir de seu brilhantismo em “Teoria das Relações Internacionais” (1979) defende uma organização estrutural do sistema internacional⁴.

Somando-se, têm também, por outro lado, os ideais relacionados à época da Queda e Ascensão da perspectiva realista, bem como o Realismo Defensivo Estrutural e o Realismo Ofensivo Estrutural – estes sendo caracterizados por John Mearsheimer, Randal Schweller, Joseph Grieco, Christopher Layne, entre outros. O cenário das Relações Internacionais abordado por essas correntes é uma constante de guerras. Porém, se utilizando de preferências estatais distintas entre si, mesmo havendo concordância no cálculo racional que traduz tais comportamentos.

Contudo, apesar das divergências citadas, de acordo com Cristina Soreanu Pecequilo (2004), essas orientações mantêm-se praticamente as mesmas, apenas com variações de ênfase. Sem embargo, quando lembradas às tradições herdadas dos pensadores clássicos algumas premissas de natureza da política internacional podem ser consideradas comuns a todos os realistas: Estado, Sobrevivência, Poder, Autoajuda e Anarquia (NOGUEIRA & MESSARI, 2005).

Primeiramente, destaca-se a centralidade do Estado, pois são eles os principais grupos sociais organizados no mundo moderno. À vista disso, como a política internacional envolve uma luta contínua entre tais grupos pelo poder e segurança, a sobrevivência é constatada como objetivo central⁵. Logo, o poder entra em cena com a função de garanti-la no sistema, como por exemplo, se utilizando da autoajuda, esta em que cada Estado depende e deve confiar apenas em si próprio para garantir sua segurança e a dos demais Estados. Só para então honrarem os acordos existentes, sendo por intermédio de alianças ou resultante na anarquia internacional.

Os processos de ascensão e declínios de impérios poderosos foram tantos⁶ que Robert Gilpin (1981) afirma: “A natureza fundamental da política internacional não mudou ao longo dos milênios... A política internacional continua a ser uma luta

⁴ Um livro que trouxe novamente o realismo a uma posição de supremacia na teoria das Relações Internacionais. Waltz trouxe o debate agente-estrutura assim como a influência da microeconomia à teoria das Relações Internacionais, provocando um grande impacto na disciplina e tornando-se objeto de inúmeros debates (NOGUEIRA & MESSARI, 2005).

⁵ O objetivo da sobrevivência está diretamente ligado à política, ou a momentos e instâncias onde a competição se estabelece, e a necessidade de vencer se intensifica. A partir disso, numa análise mais interativa da violência, Marcelo Pelizzoli (2008) afirma: “Por trás dos conflitos rege uma vontade de sobreviver”.

⁶ Há impérios com grande potencialidade, os quais se transformam em grandes impérios econômicos, políticos e/ou ideológicos. Contudo, seguindo a lógica que todo poder se desgasta, ocasionalmente, todo império perecerá (DUROSELLE, 2000).

recorrente por riqueza e poder entre atores independentes em estado de anarquia⁷”. Constatando-se assim, ao decorrer dos séculos, que sempre vai haver diversos fenômenos internacionais os quais irão moldar o mundo como um todo – podendo ser através de colonizações, revoltas ou guerras. Não obstante, o que vai se modificando, na verdade, são apenas as formas como são ocorridos, pois devido ao fenômeno da globalização, por exemplo, muitas vezes tais mudanças são transcendentais à compreensão dos homens (mesmo nunca deixando de conectar-se com as políticas nacionais). Com isso, é possível certificar que as premissas do realismo consideradas fundamentais são partes da essência desta teoria e também do Sistema Internacional.

O que se pode perceber, de acordo com Cristina Soreanu Pecequillo (2004), é que na passagem do século XIX para o XX – sendo esta representada pela eclosão dos três marcantes conflitos mundiais: a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria – se caracterizou a consolidação dupla do realismo e da disciplina das Relações Internacionais. Dessa forma, as teorias consideradas utópicas da realidade, foram diretamente confrontadas, destacando assim a necessidade de repensar a política a partir de seu real elemento: o poder⁸.

1.1.1. O conceito de poder na teoria Realista

O poder é considerado pelos realistas como elemento predominante nas relações internacionais, não sendo apenas o determinante do comportamento dos atores estatais, mas também uma característica deles, ou seja, o conceito mais importante para explicar e prever o comportamento dos mesmos. Sendo assim, dentre as diversas definições sobre o poder, há realistas que o definem como a soma das capacidades do Estado em termos intrínsecos, os quais são os políticos, militares, econômicos e tecnológicos. Sob outra perspectiva, existem aqueles que estabelecem o poder de um Estado em comparação com os demais com os quais compete, por causa disso, caracterizando-se uma definição em termos relativos.

Percebe-se a partir deste último pensamento a grande influência dos ideais realistas afirmados pelo filósofo Tucídides: em que o medo da concorrência se tornar mais poderosa, ou até mesmo se impor como possível aspirante hegemônica, seria a causa

⁷ “The fundamental nature of international politics has not changed over the millennia. International politics continue to be a recurring struggle for wealth and power among independent actors in a state of anarchy.” (GILPIN, 1981, tradução nossa).

⁸ O início da Segunda Guerra Mundial, que enfatizou a vitória da lógica da sobrevivência, acabou dando razão aos realistas e enterrando os idealistas: o pensamento normativo dos últimos revelou-se perigoso porque subestimava as ameaças à sobrevivência dos Estados (NOGUEIRA & MESSARI, 2005).

das guerras, pois instaura risco a sobrevivência estatal⁹. Qualquer capacidade, para ele, só iria então fazer algum sentido quando vista e colocada de forma relativa aos demais.

Coexiste também, no meio dessas teorias, o pensamento de Hans Morgenthau (1948), o qual afirma que os Estados procuram o poder visando à manutenção do status quo com base na expansão ou prestígio. Em contrapartida, Kenneth Waltz (1979) determina o poder apenas como um meio de garantir sobrevivência e segurança, além de defender que o poder é a capacidade de influenciar o Sistema Internacional mais do que ser influenciado por ele.

Segundo Nogueira e Messari (2005), os atores se juntam ao poder ou se juntam contra o poder. Com isso, determinados Estados acreditam que seu interesse nacional seria mais bem aproveitado ao ligar-se a grandes potências – ou até mesmo a grande potência. Contudo, outros Estados consideram que seu interesse nacional é ameaçado pelo domínio de tais potências, conseqüentemente, acabando por se relacionar com Estados menos poderosos – ou com o principal Estado que compete com a grande potência para tentar equilibrar o poder da mesma. Constatando-se então que unido ao conceito de poder encontra-se o conceito de balança (ou equilíbrio) de poder. Ou seja, sendo tais decisões, reflexos das distintas capacidades de cada ator estatal ou pelo menos como estas capacidades são percebidas por seus dirigentes.

O que chama a atenção dos realistas são os fatores internacionais, o que se traduz, por exemplo, em enfatizar a distribuição do poder entre os diferentes atores internacionais mais do que os determinantes domésticos do poder. Para alguns realistas, mais do que o poderem si, é o equilíbrio de poder que importa, enquanto, para outros realistas os estados devem buscar o poder como um fim em si mesmo (NOGUEIRA & MESSARI, 2005).

Destarte, percebe-se que a teoria realista não procura gerar resultados precisos, até mesmo porque cada Estado no plano internacional irá ter uma reação condicionada aos distintos incentivos e constrangimentos de sua política interna. Logo, fica claro o fato da balança de poder não significar necessariamente que a distribuição seja equilibrada entre os vários atores estatais – mesmo que algumas definições a caracterizem em termos de equilíbrio, ou outras a caracterizem pela falta de equilíbrio e a tentativa de estabelecê-lo. Contudo, apesar de nem sempre estar claro no sistema, uma questão é

⁹ Os realistas consideram que uma das principais heranças de Tucídides é que, “em um mundo onde os poderosos fazem o que têm o poder de fazer e os fracos aceitam o que têm que aceitar”, o medo de não sobreviver, o medo de deixar de existir, leva os Estados a iniciarem e se engajarem em guerras (NOGUEIRA & MESSARI, 2005).

certa: os realistas acreditam que o balanceamento irá ocorrer sempre, em razão do comportamento racional dos Estados.

1.2. Balança (ou equilíbrio) de poder

O conceito de balança de poder é um dos mais debatidos e influenciados das Relações Internacionais. Consequentemente, sua dinâmica opera em diferentes níveis e áreas de interação entre os Estados – sendo elas econômica política ou militar. À vista disso, uma abertura de uso ao conceito em inúmeras maneiras é provocada: como um guia normativo para política e estado civil e como estenografia para a força relativa dos possíveis adversários em termos de capacidade militar, recursos diplomáticos e motivação política (PAUL, 2004).

Contudo, o sistema de equilíbrio de poder em sua totalidade é caracterizado por regras de legitimidade que impulsionam os Estados a agir para se opor a qualquer coalizão ou ator único tendencioso a assumir uma posição de predominância em relação ao resto do sistema. Outro ponto, ao mesmo tempo, é de extrema importância ressaltar: o conceito de balança de poder tradicional traz a tona o ideal dos princípios constituintes da Paz de Westfalia, este sendo o direito legítimo dos Estados de existir, independentemente do seu tamanho e capacidades de poder – respeitando seus princípios de não-intervenção e não-ingerência, igualmente atraindo o estabelecimento de relações diplomáticas entre eles.

O equilíbrio de poder então, conforme abordado por Paul (2004), além de possuir dimensões globais (ou sistêmicas), leva consigo também proporções regionais (ou subsistêmicas):

The balance of power dynamics that affect great powers and global politics are also relevant to regional subsystems. In the regions it is the rising power of a regional state or regional coalition that causes problems. When one actor or a coalition of actors gains too much military power within a region, that actor or coalition may undertake aggressive and predatory behavior toward neighboring States¹⁰ (PAUL, WIRTZ & FORTMANN, 2004).

O teórico realista clássico Morgenthau (1948), define a balança de poder como o resultado de uma política aplicada por estadistas que tomam decisões representativas ao plano exterior, sendo elas o reflexo das alianças internacionais criadas para defender o

¹⁰ O equilíbrio de dinâmicas de poder que afetam grandes potências e políticas globais também é relevante para os subsistemas regionais. Nas regiões, é o poder crescente de um estado regional ou coalizão regional que causa problemas. Quando um ator ou uma coalizão de atores ganha muito poder militar dentro de uma região, esse ator ou coalizão pode empreender um comportamento agressivo e predatório para os Estados vizinhos (tradução livre).

interesse nacional de tais atores. Como resultado, a existência de uma balança de poder se tornaria necessária porque consiste no mecanismo assegurador da estabilidade no sistema internacional. Porém, para se concretizar tal equilíbrio apenas o poder limitaria o poder à vista das possíveis pretensões por parte dos Estados-nações em querer manter ou até mesmo derrubar o status quo. Consequentemente, a guerra acaba se mantendo presente como instrumento viável e, por vezes, necessário, de política internacional.

Em compensação, Waltz (1979) afirma que a balança de poder seria como algo intrínseco a qualquer sistema internacional à vista do resultado da distribuição de poder entre os Estados. Isto é, o autor se refere mais precisamente à distribuição do que ao equilíbrio de poder, existindo então dois tipos de distribuições possíveis para o mesmo: um ordenamento bipolar — quando apenas duas grandes potências dominam o sistema internacional — ou um ordenamento multipolar, isto é, quando mais de duas grandes potências dominam o sistema internacional. Portanto, seguindo tais ideias e pensamentos, para Waltz não existe um sistema unipolar nas relações internacionais. Qualquer distribuição de poder acima de dois Estados obedece às mesmas regras e à mesma dinâmica, por consequência então, qualquer distribuição de poder entre duas grandes potências funciona de maneira análoga.

Multi and bipolarity then are not only defined by the presence of several or two great powers (or polar powers), but these powers have also a more or less equal share in power. Such a situation has traditionally been described as a 'balanced' situation or even a 'balance of power' situation. This of course does not go for unipolarity which is by definition unbalanced. Indeed, for example, Ikenberry describe bi and multipolarity as with several major states of 'roughly equal size and capabilities'¹¹ (KEERSMAEKER, 2017).

Compreende-se, no fim das contas, que a política de alianças das grandes potências funciona como uma disputa de extrema complexidade, na qual os resultados só são alcançados com a pressão da guerra, pois são tantos fatores a serem compreendidos que apenas o conflito permite tal conquista. Na Primeira Guerra Mundial, por exemplo, levaram-se dois anos do início dos encontros para que as potências do período formassem os dois blocos que a caracterizaram.

Most particularly, Waltz's overall hypothesis about interstate systems applies: 'hegemony leads to balance,' Waltz (1993: 77) writes; and it has done so 'through all of the centuries we can contemplate'. Since the claims of

¹¹ Multi e bipolaridade, então, não são apenas definidas pela presença de várias ou duas grandes potências (ou potências polares), mas esses poderes também têm uma participação mais ou menos igual no poder. Tal situação tem sido tradicionalmente descrita como uma situação "equilibrada" ou até mesmo uma situação de "equilíbrio de poder". Isto, obviamente, não se aplica à unipolaridade, que por definição é desequilibrada. De fato, por exemplo, Ikenberry descreve bi e multipolaridade como com vários estados principais de "tamanho e capacidades aproximadamente iguais" (tradução livre).

systemic balance-of- power theory are transhistorical, they can only be tested transhistorically¹² (PAUL, WIRTZ & FORTMANN, 2004).

O início do século XX foi constituído pelas disputas acirradas entre as superpotências europeias, das quais cada uma estava com o intuito de garantir o melhor lugar no mercado mundial. Consequentemente, ocorreu um desenvolvimento tecnológico desenfreado, pois, quanto mais os países europeus se industrializavam, maior era a concorrência entre eles, o que provocou uma forte tensão geradora da Primeira Guerra Mundial. Os Estados Unidos tornaram-se potência mundial, e a Europa que antes estava vivendo seu auge, ficou completamente destruída.

Como tudo possui a tendência de modificar-se com frequência, é possível constatar também a mudança no cenário internacional caracterizada pelas grandes consequências pós Segunda Guerra Mundial. Pois logo em seguida o mundo se deparou dividido em uma ordem bipolarizada pelas duas maiores potências ascendentes daquele momento: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) – atual Federação Russa – e os Estados Unidos da América (EUA). Com isso, tendo início a tão famosa Guerra Fria, que mesmo não causando um confronto armado direto, gerou uma tensão devido às disputas por aumento das zonas de influência.

Como resultado dessa rivalidade, os conflitos decorrentes estavam sempre favorecendo um dos lados, isto porque sofriam influência do que a internacionalista Vanessa Braga Matijascic (2014) coloca como “terceiro interessado”: países hegemônicos os quais utilizavam de seu poder influenciador nas políticas internacionais. Consequentemente, uma zona de guerras e revoluções ao redor do mundo se propagou, dentre elas a Guerra da Coreia, do Vietnã e a Revolução Cubana. Logo, após quase 50 anos apreensivos nesse contexto bipolarizado e constate medo de uma guerra nuclear, quem colocou o ponto final na guerra com seu colapso foi a União Soviética. Simultaneamente, aconteciam as independências africanas e asiáticas, ocasionando então a emersão de uma zona de batalha no cenário internacional¹³.

Contudo, a partir deste cenário, percebe-se que mesmo sugerindo a balança de poder como mecanismo signficante para conter a guerra, os teóricos tradicionais

¹² Mais particularmente, a hipótese geral de Waltz sobre os sistemas interestatais se aplica: "a hegemonia leva ao equilíbrio", escreve Waltz (1993: 77); e fez isso "através de todos os séculos que podemos contemplar". Como as alegações da teoria do equilíbrio de potência sistêmica são trans-históricas, elas só podem ser testadas trans-historicamente (tradução livre).

¹³ Esses Estados recém-independentes apresentavam uma agenda política diferente da agenda das superpotências: reivindicavam o acesso ao desenvolvimento como prioridade da política mundial no lugar das questões político-militares, que dominavam até então (NOGUEIRA & MESSARI, 2005).

encaram certa anomalia: a guerra é normalmente desencadeada entre grandes poderes e atores bastante fracos política e economicamente – como é o caso dos países não desenvolvidos. Além disso, o paradoxo da existência da balança de poder sugere que a guerra é possível, mas não inevitável (WIRTZ, 2005).

Com o fim da Guerra Fria, muitos realistas e neorealistas subentendiam que rapidamente surgiria um sistema internacional multipolar, pois estavam seguros que sucederia a formação de uma contrabalança ao polo concentrador de poder. Já outros estudiosos previram a formação de uma ordem unimultipolar, na qual a resolução de grandes dilemas internacionais iria requerer a ação da principal potência em conjunto a outros grandes polos de poderes. Neste tipo de sistema internacional, a grande potência embora tenha a possibilidade de vetar ações, necessitaria do auxílio de outros Estados para atingir seus objetivos.

Por fim, existiram teóricos os quais acreditavam que o período pós Guerra Fria seria constituído por um sistema com apenas um polo de poder. Em virtude disso, muitos passaram a acreditar na unipolaridade levada a cargo pelos Estados Unidos. Charles Krauthammer (1990) afirma: “Os Estados Unidos eram o único país capaz de ser um ator decisivo em qualquer conflito que ocorresse no globo e, por sua grande concentração de poder, tudo indicava que o futuro do sistema estava mais atrelado a questões domésticas estadunidenses do que a questões externas”.

A partir desse cenário havia, por um lado, os que afirmavam que a ordem mundial é mais estável quando multipolar, pois alcançaria um grau de flexibilidade maior no controle da política internacional, conseqüentemente, os Estados iriam ser mais cautelosos entre si a fim de atingir uma distribuição mais equilibrada de poder. Com isso, a multipolaridade aconteceria quando as unidades políticas tivessem poderes políticos, econômicos comparáveis como aconteceu no congresso de Viena que gerou um sistema de “equilíbrio de poderes”.

Concomitantemente, outros defendiam como mais estável a ordem mundial bipolar à custa do congelamento do poder que é resultante dela devido à tendência de cada grande potência controlar seus aliados. Desse modo, passariam a ter uma forte influência sobre eles, principalmente, porque tais alianças são feitas com atores menores, os quais buscam se colocar sob a proteção dos polos superiores. Constatando-se assim, a ligação dessas ações com o que Paul (2004) chama de “Hard Balancing”, tal estratégia que se caracteriza normalmente com um contexto de Estados em alto grau de rivalidade.

Isto posto, compreende-se que entre os pensadores realistas existe divergências sobre a estabilidade da balança de poder durante os anos, principalmente, por causa das diversas concepções estatais entendidas como o melhor caminho para a política externa estatal. Percebe-se então que a polaridade é um conceito central marcado, principalmente pelos neorealistas, em uma impressão profunda sobre como os acadêmicos pensam sobre as relações internacionais. O termo define como a interação entre as grandes potências se desenvolve e como mecanismos como "equilíbrio de poder" e "dilema de segurança" funcionam (KEERSMAEKER, 2017).

TABELA 1 – FREQUÊNCIA EM DÉCADAS DOS DIVERSOS SISTEMAS

	Não-polar	Multipolar	Bipolar	Unipolar	Hegemônico
Oriente Médio remoto: 1500 - 400 AC		60	6	38	6
Leste asiático: 1025 AC - 1875 DC	5	107,5	35	85	57,5
Sul da Ásia: 400 AC - 1810 DC	17	26	68	73	37
Mediterrâneo Clássico: 400 AC - 390 DC		13	1	18	47
Europa moderna: 1500 - 2000 DC		41	8	1	
Total:	22	247,5	118	215	147,5

FONTE: Extraído e Adaptado – KAUFMAN, LITTLE & WOHLFORTH (2007).

Apesar de tais discordâncias, a maioria dos realistas e neorealistas tradicionais considera a perspectiva “Hard Balancing” como a principal no que concerne a balança de poder, logo, o sistema bipolar para eles seria o mais estável, pois cada polo iria controlar sua zona de influência. À vista disso, o modelo multipolar para os teóricos do realismo, seria menos estável, uma vez que os Estados buscariam maximizar seus benefícios girando um dilema de segurança no sistema internacional¹⁴.

¹⁴ Além disso, desde que Waltz (1964) expôs sua tese de que a multipolaridade é menos estável que a bipolaridade, houve um estreito vínculo teórico entre a polaridade e a eclosão da guerra (KEERSMAEKER, 2017).

O principal defensor realista da ideia bipolar Kenneth Waltz (1979), ainda afirma que os líderes de grandes potências tendem a ver as relações internacionais como um jogo de Soma Zero, uma vez que as perdas de uma superpotência, geralmente, são interpretadas como um ganho direto para seu principal rival. Em razão disso, os Estados fracos nem sequer consideram certas atividades porque têm a consciência de sua vulnerabilidade perante aos atores superiores.

A título de exemplo, pode-se citar o processo de industrialização ocorrido nos países da Europa Ocidental e nos EUA a partir do século XVIII, os quais diferenciando as principais características dos países centrais e dos países periféricos causou que a América Latina tinha consciência de que não conseguiria acompanhar o mesmo grau de desenvolvimento dos países da Europa Ocidental, principalmente, a Inglaterra, assim como os Estados Unidos e Japão. Isso se dava primeiramente pelo fato de que os países citados anteriormente se utilizavam da atividade industrial por meio do avanço tecnológico, enquanto os países latinos americanos tinham a economia primário-exportadora, a qual era especializada em bens primários para a exportação.

Contudo, o cenário mais lógico de balança de poder conforme Paul (2004) defende é no qual os Estados considerados fracos no espaço internacional se aliam entre eles e com a grande potência rival. Consequentemente, estes atores estariam formando coalizões para usar como escudo, em vista disso, tornando-se preparados para futuros embates com seus possíveis adversários, e de certa forma, sendo mais respeitados por aqueles Estados considerados mais fortes. Isto estando diretamente ligado ao fator de maximização do poder dentro de um espaço internacional anárquico, levando os atores a se preocupar com o equilíbrio mais benéfico ao seu interesse interno. O que faz nascer uma distribuição assimétrica de poder, pois configura certa hierarquia e outras diferenciações visíveis entre os Estados, que refletem diretamente nos meios de condução de suas políticas externas e projeção no SI.

Portanto, de uma maneira ou de outra, a política exterior de um Estado acaba sempre se definindo por questões exógenas ao poder: o interesse nacional. Ou seja, sendo algo predeterminado. Consequentemente, tal contexto acaba resultando então numa competição natural eterna para que os atores não se tornem subservientes a vontade dos outros ou percam a sua segurança física e prosperidade dentro da política internacional. Paul ainda afirma: “A anarquia obriga os estados a aumentar seu poder, porque a

segurança e a sobrevivência física não podem ser separadas da maximização do poder¹⁵”.

1.2.1. Assimetria no balanceamento de poder

O Realismo conheceu uma de suas crises mais agudas em meados de 1970, mas foi apenas na década de 1990 que iniciou um período caracterizado pelas diversas discussões no âmbito das Relações Internacionais, dentre as quais, as críticas ao realismo foram cada vez mais se multiplicando. Sendo a maioria dessas críticas em destaque para a incapacidade do realismo de prever e explicar a queda da URSS e sua inadaptação para lidar com o mundo pós Guerra Fria. Com isso, novos assuntos, atores e o possível fim dos conflitos pareciam abandonar o realismo às margens da história.

Um dos fatores de grande influência nesse cenário foi o processo da globalização, o qual segundo Octavio Ianni (1997) representou uma ruptura drástica nos modos de ser, sentir, agir, pensar e fabular, abalando não só as convicções, mas também as visões do mundo das pessoas. Consequentemente, as relações internacionais foram sendo transformadas, logo, as políticas de poder tradicionais das agendas nacionais também. Somando-se a isso, Paul (2004) coloca que a globalização – mesmo abastecendo o mundo com diversas questões positivas – trouxe seu lado negro com a formação de violentos atores não estatais. Os quais devido a objetivos milenaristas desafia a ordem internacional previamente elaborada pelos estados-nações por intermédio de meios terroristas.

The attacks on the World Trade Center and Pentagon seemed to confirm the arguments of those who have claimed that the forces of globalization and the rising influence of non-state actors have challenged Realism’s state-centric focus and transformed the nature of war. These claims are overblown. There is a lot less to globalization than meets the eye: reports that “the state is dead” are greatly exaggerated, and there is little reason to believe that postmodern warfare will replace great-power rivalries and security competitions as the most salient phenomenon of international politics. At the same time, September 11 made plain that new security challenges exist for the United States and the world side-by-side with more traditional forms of great-power politics¹⁶ (PAUL, WIRTZ & FORTMANN, 2004).

¹⁵ “Anarchy thus compels states to increase their power, because security and physical survival cannot be divorced from power maximization” (PAUL, 2004, tradução nossa).

¹⁶ Os ataques ao World Trade Center e ao Pentágono pareciam confirmar os argumentos daqueles que afirmaram que as forças da globalização e a crescente influência de atores não estatais desafiaram o foco centrado no Estado do realismo e transformaram a natureza da guerra. Essas alegações são exageradas. Há muito menos para a globalização do que se vê: relatos de que "o estado está morto" são muito exagerados, e há poucas razões para acreditar que a guerra pós-moderna substituirá as rivalidades de grande potência e as competições de segurança como o fenômeno mais saliente do comércio internacional político. Ao mesmo tempo, o 11 de setembro deixou claro que existem novos desafios de segurança para

Por conseguinte, o que se pode perceber levando em conta os dias atuais é o comportamento não apenas dos Estados como constituintes de um possível equilíbrio do Sistema Internacional, mas também os desafios impostos pelos atores não estatais e até mesmo indivíduos às concepções tradicionais¹⁷.

Diferentemente do que é relatado nos equilíbrios designados como “Hard Balancing” e “Soft Balancing”, o assimétrico serve para os Estados como um possível controle sobre as ameaças indiretas feitas por atores subnacionais, como grupos terroristas, estes que não têm a capacidade de desafiar os grandes atores utilizando-se de capacidades ou estratégias militares convencionais. O equilíbrio assimétrico então, também se refere ao outro lado da moeda dos atores subnacionais, estes que buscam agora desafiar e enfraquecer os estados estabelecidos usando meios assimétricos, como o terrorismo – seja por intermédio de ocupações ou anexações definitivas (PAUL, 2004).

TABELA 2 – EQUILÍBRIO DE COMPORTAMENTO

	Natureza da Rivalidade	Estratégias Chaves
Hard Balancing	<ul style="list-style-type: none"> - Intensa e Aberta - Soma Zero Frequente - Ganhos Relativos 	<ul style="list-style-type: none"> - Braços Abertos - Alianças Formais - Alianças Formais e Informais
Soft Balancing	<ul style="list-style-type: none"> - Submersa - Não há Soma Zero - Ganhos Relativos limitados 	<ul style="list-style-type: none"> - Braços Abertos limitados - Segurança Informal - Estratégia Preventiva
Asymmetric Balancing	<ul style="list-style-type: none"> - Atores Estatais - Atores Não Estatais - Intensa/Inclusiva Rivalidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Atores Não Estatais e seus patrocinadores estatais buscam estratégias assimétricas - Atores Estatais segue uma mistura tradicional e não tradicional no combate de ameaças

FONTE: Extraído e Adaptado – PAUL, WIRTZ & FORTMANN (2004).

os Estados Unidos e o mundo, lado a lado com formas mais tradicionais de política de grandes potências (tradução livre).

¹⁷ O surgimento e a confirmação da relevância dos assuntos econômicos puseram em dúvida a centralidade do papel desenvolvido pelo Estado nas Relações Internacionais e, com isso, colocou-se a questão da relevância de atores como as empresas multinacionais, as organizações internacionais, assim como algumas organizações não governamentais (NOGUEIRA & MESSARI, 2005).

Com igualdade, Raymond Aron (1985) e Hedley Bull (2002) determinam a assimetria internacional pela comparação entre as capacidades distintas dos Estados, principalmente na questão dos poderes militares. Por conseguinte, a assimetria define as relações estatais dividindo-as em pontos de subordinação e superioridade, pois um caráter hierárquico vai sendo estabelecido entre eles no âmbito do sistema: Estados fortes ou as grandes potências no nível superior, seguidos pelos Estados médios com alguma influência regional, e por fim, os Estados fracos ao nível inferior. Sendo então organizados pela assimetria, os limites e posicionamentos de cada ator.

Outra variante tão importante quanto relacionada à assimetria no Sistema Internacional¹⁸ é a divisão dos grupos em sistemas homogêneos e heterogêneos. O primeiro, respectivamente, é marcado por unidades políticas compartilhando valores políticos, econômicos, visões de legitimidade, portanto, os adversários não se percebem como inimigos. Já o segundo é marcado por unidades políticas que apresentam visões antagônicas sobre questões políticas, de legitimidade, levando assim, aos adversários se veem como inimigos que devem ser eliminados.

O que é possível verificar sobre esse novo contexto global é o fato de que os estudos relacionados à balança de poder confinaram-se nos séculos XX e XXI, nos quais o cenário político internacional é liderado pelas potências europeias. Ou seja, praticamente tudo que é sabido, gira em torno das experiências modernas desses polos. Logo, após a Guerra Fria, a ordem unipolar que estava surgindo foi vista como uma rara perspectiva, pois nunca tinha sido verdadeiramente considerada. Com isso, as teorias realistas sobre equilíbrio de poder encontraram-se em assimetria com tal realidade.

There is yet another way in which balance of power comes into polarity definitions. Post-Cold War authors such as Wohlforth and Brooks define a unipolar system as one in which the balance of power no longer works. More precisely they argue that balancing is no longer possible because one state is too powerful (WOHLFORTH 1999: 9; BROOKS and WOHLFORTH 2008: 22–59). This is what makes the post-Cold War polarity configuration unique. The balancing mechanism no longer works and thus a basic premise of neorealism is undermined (MONTEIRO 2014: kl 809–12). Implicitly, adepts of the so-called ‘soft balancing’ concept adhere to this conception, as they define soft balancing as an alternative strategy aimed at restraining the unipole in a situation where traditional hard balancing is no longer possible (PAPE 2005; PAUL 2005). The absence of balancing rather than the balance

¹⁸ Aron (1985) busca apresentar uma síntese de ambos os conjuntos de variáveis relacionados à assimetria no SI: a configuração da relação de forças e a homogeneidade e heterogeneidade do sistema. Não são dois conjuntos circunscritos, mas o contrário, dois elementos complementares para a compreensão do funcionamento do SI, pois a realidade internacional não se reduz apenas aos cálculos de força (uma crítica ao realismo) ou ao conjunto de ideais que emergem de suas relações (uma crítica ao idealismo): ela emerge na combinação específica de ambos os fatores (RINALDI, 2014).

of power itself becomes the crucial feature of unipolarity¹⁹ (KEERSMAEKER, 2017).

Por efeito desse contexto acima, os pensadores realistas em geral, começaram a se preocupar com a crescente tendência do unilateralismo dos Estados Unidos – este que se tornou uma superpotência globalmente reconhecida – pois conjuntamente com seus aliados liberais tentavam envolver o espaço internacional em uma ordem liberal capitalista através de mecanismos institucionais. Destarte, o sistema não estava mais enfrentando o mesmo grau de equilíbrio dos séculos passados, mas sim várias tentativas das políticas não só assimétricas, mas também “Soft Balancing” (PAUL, 2004).

Cada vez estava mais evidente que as concepções “Hard Balancing” sustentadas pela grande maioria dos realistas necessitavam de uma ampliação no conceito de estabilidade de poder, pois estavam nitidamente limitadas perante a política mundial contemporânea. Segundo Colin Elman (2003), a política tornou-se um alvo em ativo com o passar do tempo, tanto que os teóricos do institucionalismo neoliberal e investigadores da paz democrática, como por exemplo, Robert Keohane (2003 apud ELMAN, 2003), estava progressivamente mais popular, deixando assim, as perspectivas realistas em segundo plano. O declínio do realismo na década de 1990 foi ampliado por vários fenômenos internacionais, dentre os quais, os referentes aos últimos anos do século XX pareciam fornecer um grande suporte as abordagens alternativas.

Dessa forma, foi possível constatar que as perspectivas tradicionais do equilíbrio de poder passaram a ser incapazes de capturar plenamente o comportamento de segurança dos Estados, pois o foco dos clássicos e neorealistas era exclusivo no âmbito militar, o qual apesar de útil se mostrou inflexível. Ademais, Paul (2004) declara: “Parte do problema reside nos argumentos dicotômicos dos realistas e seus críticos: os estados equilibram ou não. Não existem categorias intermediárias de comportamento de segurança que podem ser derivadas de diferentes abordagens²⁰”.

¹⁹ Há ainda outra maneira pela qual o equilíbrio de poder entra em definições de polaridade. Autores do pós Guerra Fria, como Wohlforth e Brooks, definem um sistema unipolar como aquele em que o equilíbrio de poder não funciona mais. Mais precisamente, eles argumentam que o equilíbrio não é mais possível porque um estado é poderoso (WOHLFORTH 1999: 9; BROOKS e WOHLFORTH 2008: 22-59). Isto é o que torna a configuração de polaridade pós Guerra Fria única. O mecanismo de equilíbrio não funciona mais e, portanto, uma premissa básica do neorealismo é minada (MONTEIRO 2014: kl 809-12). Implicitamente, adeptos do chamado conceito de 'soft balancing' aderem a essa concepção, pois definem o soft balancing como uma estratégia alternativa que visa restringir o unipolar em uma situação em que o hard balancing tradicional não é mais possível (PAPE 2005; PAUL 2005). A ausência de equilíbrio, em vez do equilíbrio de poder, torna-se a característica crucial da unipolaridade (tradução livre).

²⁰ “Part of the problem lies in the dichotomous arguments of realists and their critics: states either balance or they do not. There are no in-between categories of security behavior that can be derived from different approaches” (PAUL, 2004, tradução nossa).

Independente de tais observações e comprovações, ainda há teóricos realistas e estudiosos – como Christopher Layne (1998), Raymond Aron (1985) e Hedley Bull (2002) – que discorde da continuidade de tal cenário político internacional, alguns deles chegaram até a definir como a representação de um grave problema para a estabilidade da balança de poder, pois acreditam na instabilidade do ordenamento unipolar. Com isso, entre a bipolaridade e a multipolaridade, a unipolaridade seria um interlúdio, servindo apenas um momento até chegar, por exemplo, em uma nova multipolaridade.

O professor e estudioso Goedele de Keersmaeker (2017) compartilhando desse mesmo sentimento utilizam – para comprovar ainda a existência das diferenças entre as interpretações abordadas – dos exemplos de multipolaridade da política externa da China desde 1980; bem como da Rússia, sendo esta polaridade promovida e compartilhada por Yeltsin e Putin²¹; somando-se ainda com os países do BRIC e as instituições da União Europeia, as quais regularmente abordam sobre a multipolaridade. Com isso, o mesmo pontua:

So one might conclude that all major world players agree that the international system is becoming multipolar or is already so, if it were not for a whole group of mainly American analysts and commentators who claim the world is unipolar and will remain so. Admittedly in the USA too there are authors who claim that this unipolar moment will not last long, or has simply never been there²² (KEERSMAEKER, 2017).

Depois desse aprofundamento acerca da situação contemporânea do Sistema Internacional, verifica-se a difícil tarefa em chegar a uma definição de equilíbrio de poder pela simples razão das discordâncias entre teóricos e estudiosos, principalmente no período Pós-Guerra Fria e no que concerne a natureza humana desordeira. Pois, como afirma Maquiavel (2011), a natureza humana é imutavelmente má e que não varia com os contextos históricos, sendo uma constante fonte de guerras e conflitos. Em virtude disso, se torna de extrema importância explicar mais precisamente os desencadeamentos dos fatos relacionados à dinâmica do choque das potências na Síria e as consequências na sua Guerra Civil.

²¹ Boris Yeltsin foi o primeiro presidente da Rússia após o colapso econômico da União Soviética. Já Putin é o atual presidente da Rússia, além de ex-agente do KGB (principal organização de serviços secretos da ex-União Soviética) no departamento exterior e chefe dos serviços secretos soviético e russo, KGB e FSB (uma agência russa de serviços de informação que sucedeu ao KGB no que respeita a assuntos doméstico), respectivamente.

²² Então, pode-se concluir que todos os principais atores mundiais concordam que sistema internacional está se tornando multipolar ou já é assim, se não fosse por um todo grupo de analistas e comentaristas principalmente americanos que afirmam que o mundo é unipolar e assim permanecerá. É certo que também nos EUA existem autores que afirmam que o momento unipolar não durará muito tempo, ou simplesmente nunca esteve lá (tradução livre).

2 SÍRIA E O GOVERNO BASHAR AL-ASSAD

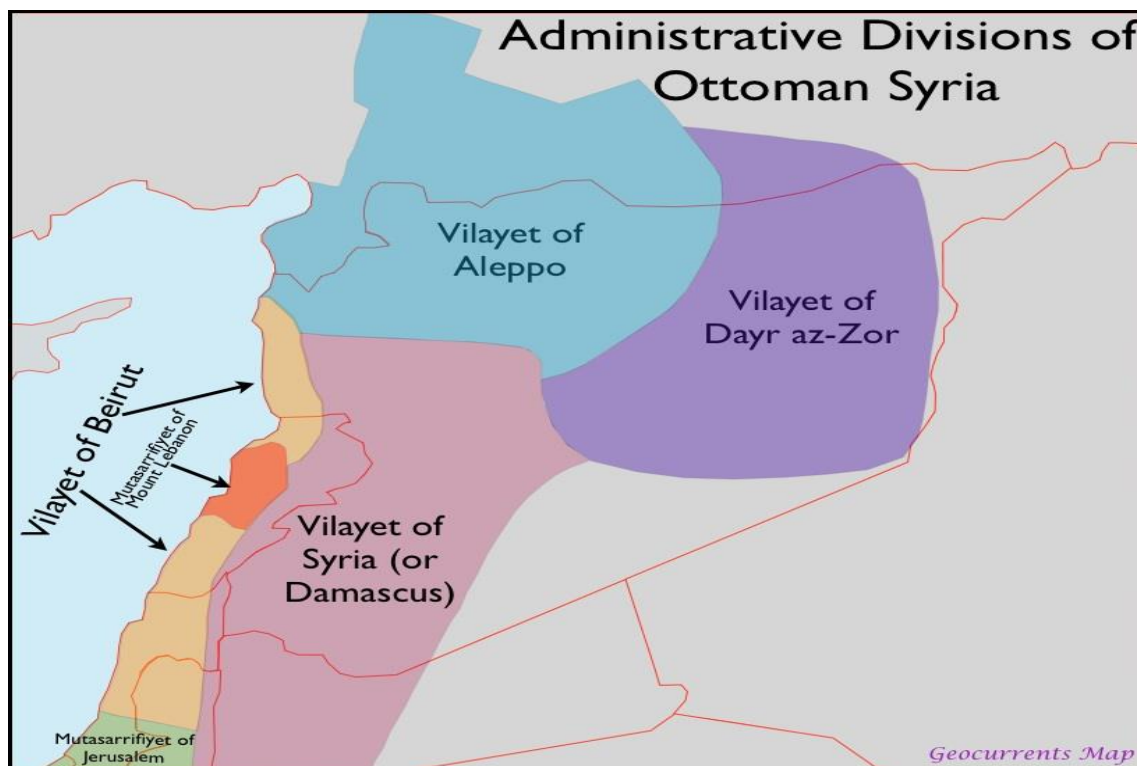
2.1. Síria

Historicamente, a Síria tem sido praticamente um santuário para pequenos grupos de povos cujas diferenças entre si foram definidas na maior parte das vezes em termos religiosos e/ou étnicos. Além disso, a organização comunitária da sociedade síria vem desempenhando um papel importante no estabelecimento de suas fronteiras internas, portanto, analisar a distribuição dessas comunidades em todo o estado e dentro do regime que as supervisiona é crucial (BALANCHE, 2018).

Durante o domínio Otomano, a população foi organizada de duas maneiras sobrepostas – constatando que a autoridade do Império Otomano raramente se estendia além da costa, dos vales dos rios e planícies mais acessíveis (COSTA, 2016).

Primeiro não havia "Síria" no sentido de um estado-nação, mas sim províncias centradas nas cidades antigas, dentre essas as mais importantes delas são representadas por Damasco, que pode ser a mais antiga cidade permanentemente estabelecida no mundo hoje, e Aleppo. Ou seja, antes de existir tal qual um estado delimitado por fronteiras, a Síria já existia como uma entidade simbólica, de demarcação territorial menos definida (COSTA, 2016).

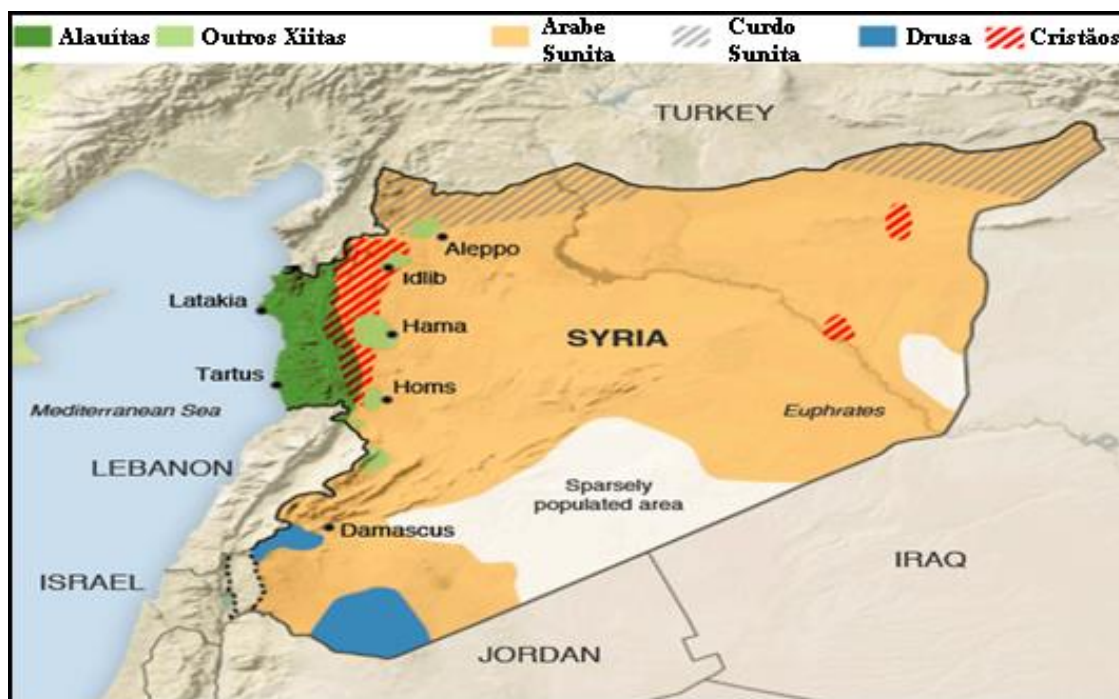
MAPA 1 – DIVISÕES ADMINISTRATIVAS DA SÍRIA OTOMANA



FONTE: Extraído e Adaptado – GEOCURRENTS MAPS. Disponível em: <<http://www.geocurrents.info/gc-maps/geocurrents-maps-by-country/geocurrents-maps-of-syria>>. Acesso em: 28 de abril de 2018.

Em segundo lugar, ao longo dos séculos de governo, o Império Otomano geralmente se manteve satisfeito em possuir seus súditos vividos por seus próprios códigos de comportamento. Os costumes e leis islâmicas dessa governança imperial eram compartilhados por todos: sejam muçulmanos, turcos, árabes ou curdos²³. Contudo, havia também outras “nações” étnico-religiosas consideradas autônomas, exceto em assuntos militares e estrangeiros. O mapa a seguir mostra aproximadamente a tradicional distribuição de grupos minoritários espalhados por toda a área que com o tempo se tornou a Síria moderna:

MAPA 2 – DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS MINORITÁRIOS SÍRIOS



FONTE: Extraído e Adaptado – COLUMBIA UNIVERSITY GULF 2000 PROJECT. Disponível em: <<http://gulf2000.columbia.edu/maps.shtml>>. Acesso em: 28 de abril de 2018.

A partir da segunda metade do século XIX, novas cidades passaram a concentrar a atividade econômica, como Beirute e as velhas cidades ampliadas, como Damasco e Aleppo, sendo assim dominadas por armazéns, bancos, jardins públicos e novos bairros construídos. Com o passar do tempo, os árabes muçulmanos garantiram conhecimento ao frequentar as escolas otomanas, onde foram treinados como oficiais e funcionários, além de apredenderem árabe clássico e línguas estrangeiras. Consequentemente, por

²³ Teoricamente, não houve diferença entre tais grupos nesse sistema, mas, na prática, alguns deles foram condenados ao ostracismo (BALANCHE, 2018).

causa disso, começaram a formar grupos de discussão visando à independência do Império Otomano, tanto quanto dos turcos, os quais eram vistos pelo povo sírio como os principais responsáveis pelo atraso e estagnação das províncias árabes (COSTA, 2016).

As atividades econômicas dos povos conquistados eram conduzidas por iniciativa deles próprios, o que fez com que a economia geral do império fosse se desintegrando lentamente. A instabilidade política aumentava cada vez mais até que, em 1909, o sultão Abdul Hamid II²⁴ foi deposto por uma rebelião. A partir dessa mudança deu-se início ao período de modernização do império, bastante influenciada pela Alemanha, esta que os turcos lutaram na Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Ao final da Grande Guerra, a Grã Bretanha encontrou-se sem condições de cumprir todas as suas promessas diplomáticas, conseqüentemente, deixando o caminho livre para o filho do ex-rei Ibn Saud da Arábia Saudita, Faisal Saud, este que reinou na Síria por um ano (1919 – 1920) até que os franceses colocaram um fim em seu reinado para impor o projeto do Mandato Francês²⁵ sobre a Síria e o Líbano (COSTA, 2016). O império que já estava dilacerado teve o contexto agravado com tal derrota, fazendo com que pouco tempo depois fosse proclamada a República da Turquia (1923).

À medida do acontecimento desses fatos, a dominação estrangeira passou de otomana a francesa. Com intuito de obter um maior controle, a França rapidamente proibiu a oposição política, assim como qualquer ideologia que defenda a descolonização e o fim do domínio francês. Conseqüentemente, os oposicionistas passaram a se articular em segredo na Síria e aos poucos houve expansão dos ideais do nacionalismo árabe para as outras classes sociais além da elite durante o período entreguerras. Isso se deveu, em grande parte, ao tímido desenvolvimento do sistema educacional, o qual trouxe importantes oportunidades de contato com ideias nacionalistas e da promoção de reuniões e conferência (COSTA, 2016).

Ademais, ocorreu também a emergência de ideias relacionadas à dissidência política entre grupos que tinham no islã a base da política anticolonialista. Dessa maneira, vários grupos começaram a declarar apoio contra o Império Otomano, sendo tal processo oficialmente datado em 1914 por intermédio do famoso Protocolo de Damasco. Este documento possuía não só essa representatividade, mas definia também a criação de um Estado Árabe independente.

²⁴ Abdul Hamid II administrou no período de 31 de agosto de 1876 até ser deposto em 27 de abril de 1909, sendo o 34º sultão otomano e o último a governar com poder absoluto.

²⁵ Sistema de administração colonial para os territórios liberados do Império Otomano que havia sido decidido no Tratado de Versalhes.

Contudo, foi somente em 1946 que ocorreu a independência total Síria e, a partir desse acontecimento, uma série de golpes ocorre na região. O primeiro governo sírio é deposto em 1949, por um golpe militar²⁶. Com isso, um novo golpe reestabelece o regime constitucional em 1954²⁷. Já em 1958, um plebiscito aprova a fusão de Síria e Egito na República Árabe Unida, mas um golpe em 1961 os separa e, dois anos depois outro golpe coloca o partido Baath no poder²⁸. Seguindo, após algumas décadas, durante o início de 1970, Hafez Al-Assad chega ao poder também por intermédio de um golpe, este que serviu como resposta à fraqueza percebida do estado sírio e à desordem da vida respectiva política síria, tais pontos sendo claramente rastros das colonizações. Isto aconteceu, entretanto, após várias divergências partidárias, entre as quais o partido Baath teve que aos poucos conquistar o povo.

À vista disso, Raymond Hinnebusch (2001) afirma que este regime é perceptivelmente forte, pois realizou uma revolução substancial de cima nos anos 60 e desde 1970 sua política econômica e externa manteve uma notável consistência apesar de mudanças substanciais em seus ambientes domésticos e internacionais.

A família Assad veio da minoria Alaii, esta que igualmente aos judeus, se considera o "povo escolhido", em contrapartida, são considerados pelos muçulmanos ortodoxos como hereges. Sob o pluralismo otomano, isso importava pouco, mas como os sírios lutavam por um senso de identidade e passaram a suspeitar da diferença social e a temer a cooperação das minorias com estrangeiros, ser um Alaii foi uma escolha feita de certa maneira naturalmente. Pois, em meio ao caos encontrado na região, oferecia – ou parecia oferecer – os meios para superar suas origens em uma comunidade minoritária e apontar para uma solução referente à desunião da política síria.

Quando Hafez chegou a falecer em 2000, isto marcou o fim de uma era na história moderna Síria. Assad era frequentemente descrito, com considerável justificativa, como o pai fundador do Estado ou, no mínimo, como o primeiro presidente efetivo que tinha desde que alcançou a independência, em 17 de abril de 1946. Ele deixou sua marca em muitas áreas do país, tanto que um argumento pode ser feito para a identificação quase total do estado sírio com seu líder, pois governou a Síria com punho de ferro – sendo

²⁶ Quem governava na época era o militar e político sírio Husni Al-Za'im do Partido Social Nacionalista Sírio que governou de 30 de março de 1949 a 14 de agosto do mesmo ano.

²⁷ Quem estava governando era o líder militar Adib Shishakli, o qual renunciou o cargo por causa de ameaças de um golpe de estado em 1954.

²⁸ O golpe de Estado de 1963 foi um evento que ficou conhecido como a Revolução de 8 de Março, a qual derrubou o político Nazim al-Kudsi e trouxe o Conselho Nacional de Comando Revolucionário (CNCR) ao governo, embora o verdadeiro poder estivesse com o Comitê Militar Baathista, que organizou o golpe (MOUBAYED, 2006).

isso conseguido a partir de um custo econômico significativo e com o sacrifício das liberdades políticas (HINNEBUSCH, 2001).

Devido a esse histórico, quem sucedesse Hafez Al-Assad teria o máximo de cobrança para dar continuidade a tal governo, pois mesmo tendo possivelmente o filho mais velho, Basil, como seu sucessor, havia alguns olhares para seu braço direito no governo, além do restante dos parceiros partidários. Contudo, com a morte de seu filho mais velho, conseqüentemente o cenário mudou tanto de rumo quanto de pensamento.

2.2. Bashar Al-Assad chega ao poder

Com a morte de seu filho Basil, Hafez Al-Assad se encontrou com um problema em suas mãos: quem iria ser o seu sucessor? O que era algo, anteriormente, de uma extrema certeza, foi virado do avesso em instantes. Contudo, para não perder o monopólio Assad, o qual estava no poder a quase 30 anos, Hafez decidiu entregar a futura liderança ao seu filho mais novo, Bashar Al-Assad.

No entanto, um longo caminho iria se percorrer para ele ser aceito como sucessor digno e qualificado, pois seguia uma carreira totalmente distinta²⁹, conseqüentemente, não tinha conhecimento e experiência de vida do tipo que pudesse o ajudar em seu futuro cargo. Somando-se a esse fato, ainda lhe faltava certa imagem de um líder carismático e capaz, apto a suceder ao pai. Percebe-se então que talvez o problema não tenha sido tanto sua imagem, mas sim a ausência real desses atributos em Bashar (ZISSER, 2007). Além disso, a fim de garantir a candidatura de Bashar como sucessor, Assad teve que eliminar outros candidatos em potencial, incluindo seu próprio irmão Rif'at; comandantes do exército e chefes dos principais serviços de segurança, como por exemplo, o Chefe do Estado Maior Hikmat Shihabi; e líderes políticos, especialmente o primeiro vice-presidente Abd Al-Halim Khaddam.

Desse modo, consciente da necessidade de evitar possíveis atritos, Assad decidiu implementar de forma gradual e cautelosa o seu plano de sucessão: criar uma nova imagem de seu filho Bashar. Basicamente, essa estratégia consistia em contribuir com educação, conhecimento e experiência no âmbito não só político, como também militar, para assim moldar sua personalidade como comandante e líder, ou seja, gerando um status quo de boa governança.

²⁹ Bashar Al-Assad se formou na Faculdade de Medicina da Universidade de Damasco em 1988. Quatro anos mais tarde, ele participou de estudos de pós-graduação do Hospital Ocidental Eye, em Londres, especializando-se em oftalmologia.

Até o final da década de 1990, quando a consciência da presença de Bashar parecia ter se tornado bem aceita aos olhos do povo sírio, seu pai começou a lhe conceder autoridade governamental e também o expor mais extensivamente à mídia, evitando, ao mesmo tempo, citá-lo como seu sucessor. Contudo, a partir desse contexto, ondas de críticas foram geradas dentro e fora do país, pois como era uma situação inusitada, a transferência de poder de pai para filho tão suave e livre de turbulências levantou questões, especialmente em relação à adequação do jovem filho para liderar o país naquela época. Segundo Zisser (2007), constatando-se ainda mais tal fato como algo claramente accidental: “Basil fora a escolha de seu pai como herdeiro, e era o foco de grandes expectativas, enquanto a seleção de Bashar resultava da falta de uma alternativa e era essencialmente accidental. Também foi accidental em termos da carreira pessoal de Bashar, que até então era dedicada à medicina e não à política³⁰”.

Apesar de todo esse trabalho e cuidado sendo feito por Hafez, as críticas da maneira como houve a ascensão de Bashar à presidência continuou, principalmente após a morte de seu pai. Por consequência, essa questão acabou servindo também como um sinal de alerta para o que a Síria iria presenciar no futuro próximo, apesar do apoio aparentemente vasto de Bashar pelo público sírio e pelas bases de poder sob a liderança da velha guarda que acompanhava seu pai no país. Todavia, no fim das contas, o que restou foi esperar e ver se os seis anos de treinamento para prepará-lo a este momento foram suficientes (ZISSER, 2007).

O primeiro passo dado neste processo foi a alteração da constituição, seguida do anúncio feito pelo vice-presidente Abd Al-Halim Khadda (em 2000) dois decretos: o Decreto nº 9, que nomeou Bashar como comandante das forças armadas, e o Decreto nº 10, que o promoveu ao posto militar mais alto conhecido como “Fariq” – sendo este cargo ocupado pelo seu pai quando ainda estava vivo. De acordo com Zisser (2007), naquela noite, o alto comando sírio, liderado pelo ministro da Defesa, Mustafa Tlass, e o chefe de gabinete Ali Aslan, assim como fizeram com Hafez, prometeram sua lealdade a Bashar.

Oficialmente por intermédio de uma assembleia, o parlamento aprovou a candidatura de Bashar para presidente em junho de 2000. Contudo Khaddam agendou o referendo nacional apenas para o dia 10 de julho, no qual Bashar Al-Assad se

³⁰ Basil had been his father’s choice as heir, and was the focus of great expectations, while the selection of Bashar stemmed from the lack of an alternative and was essentially accidental. It was also accidental in terms of Bashar’s personal career, which had been devoted until then to medicine rather than politics. (ZISSER, 2007, tradução nossa).

encontrava como único candidato possível assim como seu partido no pleito, pois os demais estavam proibidos. Conseguindo obter desse modo 97,2% dos votos e apenas uma semana depois do referendo Bashar estava enfim “inaugurado” e estabelecendo a primeira sucessão hereditária em uma república árabe (STACHER, 2011).

As elites seniores, diferentemente do que aparentou, não aceitaram esse cenário de maneira fácil e sem uma prévia discussão. Contudo, em unanimidade perceberam que o cenário oferecido seria a melhor oportunidade para a permanência do regime Baath no poder, pois uma grande luta pela presidência poderia causar conflitos de forma possivelmente irreversível.

With Assad’s death, we began to think that either I or Vice President Abd al-Halim Khaddam were worthy of filling the shoes of the dead president. However, in view of the fact that all of us were past seventy years of age, we were afraid of a situation in which every year we would have to change the country’s leader... We reached the conclusion that Bashar was indeed worthy of succeeding his father: after all, that had been the will of his father, Hafiz al-Assad, to whom Syria owes so much³¹ (STACHER, 2011).

Desse modo, Bashar acabou herdando um sistema governamental funcional, embora envelhecido, que lhe concedia certo período de otimização necessário no início de seu governo. Apoiando-se no sistema, ele tentou introduzir certas mudanças destinadas a integrar setores adicionais da sociedade à vida dominante, com ênfase no reforço das instituições não governamentais da Síria³². Tal qual Zisser (2007), de qualquer forma, Bashar e seu regime inicialmente transmitiram uma mensagem ao público sírio sobre a imagem do seu novo líder enfatizando aspectos referentes à continuidade e compromisso com o legado de seu pai, bem como uma introdução de governo característico moderno e em prol do progresso sírio.

Contudo ele não queria mudanças drásticas, pois seguir um padrão era de mal grado a Bashar. Desse modo, resolveu retirar as divisões características de hierarquia, como por exemplo, a forma de se dirigir a ele, bem como os quadros das paredes. Todavia, por mais que ele houvesse solicitado tais atos, os quadros não foram retirados e a forma de tratamento foi mantida, porém a mídia síria não deixou de transparecer, mesmo que pequenas, as diferenças entre pai e filho.

³¹ Com a morte de Assad, começamos a pensar que eu ou o vice-presidente Abd Al-Halim Khaddam eram dignos de encher os sapatos do presidente morto. No entanto, em vista do fato de que todos nós passamos dos setenta anos de idade, ficamos com medo de uma situação em que todos os anos tivéssemos que mudar o líder do país... Chegamos à conclusão de que Bashar era de fato digno de sucesso seu pai: afinal, essa tinha sido a vontade de seu pai, Hafez Al-Assad, a quem a Síria deve tanto (tradução livre).

³² Os exemplos de instituições não governamentais da Síria citadas por Zisser (2007) são o governo, a Assembleia Popular, os partidos políticos oficialmente reconhecidos, os parlamentares extraparlamentares, organizações e até organizações não governamentais.

Em contrapartida, Bashar e muitos outros cidadãos sírios – os quais eram seus defensores e esperavam mudanças sob ele – com tempo constataram que o caminho para o progresso e a modernização era algo longo e de extrema dificuldade:

In the course of the struggle that he inevitably conducted against the reformist camp in Syria, Bashar explicitly defined the limits of the public debate which he sought to stimulate, and by implication pointed to the issues that were off limits: 1) his late father's life work; 2) the question of the status and role of the army and the security forces; 3) the leadership status of the Ba'ath Party in Syria, anchored in the constitution; and 4) the socialist world view, which still constituted the regime's guiding light³³ (ZISSER, 2007).

Somando-se a esse contexto, devido à percepção de que Bashar seria mais receptivo que seu pai, a oposição ao regime percebeu um ambiente propício para emergir. Consequentemente, um fluxo enorme de demandas organizacionais oposicionistas foi causado a fim de não perderem tal oportunidade em erguer-se tanto nacionalmente quanto internacionalmente (COSTA, 2016). Logo, muitos interesses divergentes se apresentavam: islamistas, curdos, outras minorias sub-representadas como assírios e turcomenes, grupos de direitos humanos, empresários, industriais e alguns parlamentares independentes.

Outra impressão foi tida pelos líderes ocidentais, com os quais Bashar tinha uma familiaridade devida sua breve estadia enquanto morou no Ocidente³⁴. Tais representantes se encantaram de certa forma com o alto nível de educação do governante sírio, além da demonstração por Bashar de um bom domínio aos detalhes e não necessidade da ajuda de seus conselheiros, cartões ou até mesmo anotações previamente preparados para conduzir um diálogo (ZISSER, 2007). Porém, na verdade, a questão que esses líderes se preocupavam – mesmo que convencidos da existência de um Bashar reformador – eram se essas qualidades com as quais ele era dotado, como inteligência, curiosidade intelectual e capacidade analítica, eram suficientes para permitir que ele governasse a Síria.

Um dos pontos que foram consolidados no segundo governo Baath é a questão das políticas neoliberais, as quais posteriormente causaram o empobrecimento da

³³ No curso da luta que ele inevitavelmente conduziu contra o campo reformista na Síria, Bashar definiu explicitamente os limites do debate público que ele buscava estimular, e por implicação apontou para as questões que estavam fora dos limites: 1) a vida de seu falecido pai trabalhos; 2) a questão do status e do papel do exército e das forças de segurança; 3) o status de liderança do partido Baath na Síria, ancorado na constituição; e 4) a visão de mundo socialista, que ainda constituía a luz orientadora do regime (tradução livre).

³⁴ Bashar morou em Londres na época de sua licenciatura, aonde chegou até a fixar residência nos anos 90, tendo ao lado sua mulher, Asma Akhras, nascida e criada na capital britânica.

população³⁵. O processo de liberalização econômica dedicado por Bashar Al-Assad em seu governo a partir de julho de 2000 era nada mais que a continuação da abertura colocada em prática desde anos 1990 e que gradativamente desgastou a ideologia socialista do partido, ou seja, teve o efeito contrário do desejado.

O modelo econômico proposto se mesclava entre o seu delineamento e o livre mercado adotado, sendo então chamado de Economia Social de Mercado. Aos poucos, o mesmo contribuiu de maneira crucial para suavizar discursivamente o processo de liberalização econômica iniciado por Bashar e atingir a consolidação do seu regime (COSTA, 2016). Logo, ganhou legitimidade na visão das elites sírias que tinham apostado em seu governo, as quais iniciaram imediatamente o transporte de seus capitais de volta enquanto outros capitalistas locais já tinham constituído seus negócios dentro do país. Desse modo, a Síria firmou-se no que vinha sendo apresentando: setor agrícola mais produtivo do Oriente Médio.

Contudo, esse cenário favorável ao país não durou tanto tempo, pois o mesmo se consolidou apenas entre 1991 a 2008, ano este em que uma seca extrema abalou o Oriente Médio como um todo (ABABSA, 2013). O que antes se apresentava em agricultura altamente subsidiada na Síria, e, além disso, empregando um terço da população economicamente ativa permitindo sua autossuficiência nesse período, mudou de uma hora para outra completamente. Com isso, o país teve que receber auxílio internacional e fornecimento de alimentos para milhares de agricultores, pastores e suas respectivas famílias. O setor agrário que já demonstrava sinais de destruição pelas estruturas socialistas foi ainda mais agravado com a seca, conseqüentemente causando o processo migratório de agricultores partindo das cidades em busca de trabalho informal (ABABSA, 2013).

Somando-se a isso, o alto nível de desemprego, 25% comparado a 11% em nível nacional em 2004, agravaram-se entre 2002 e 2008 quando a Síria perdeu 40% de sua força de trabalho agrícola, que caiu de 1,4 milhão de trabalhadores para 800 mil, devido a má distribuição de recursos híbridos e fundiários (ABABSA, 2013).

Todavia, por um breve momento, a promessa de um conjunto de reformas e modernização, principalmente na área econômica foi mantido. Aproximadamente centenas de prisioneiros políticos foram libertados e licenças de publicação para jornais

³⁵ Líderes ocidentais também elogiaram as políticas econômicas neoliberais de Assad. Ele vendeu empresas estatais e encorajou o desenvolvimento capitalista do setor privado. Mas nenhuma dessas mudanças resultou em uma reforma significativa, muito menos no fim do sistema autoritário altamente centralizado da Síria (ZISSER, 2007).

independentes foram concedidas, permitindo assim também alguma liberdade de expressão. Além disso, Bashar estabeleceu zonas de livre comércio e lutou contra gastos e corrupção no governo.

Dessa maneira, percebem-se os compromissos que Bashar abordou em seu primeiro discurso, este que prometeu desenvolver uma "experiência democrática própria" para a Síria, a qual ficou conhecida como Primavera de Damasco. Entretanto, a velha guarda do Baath, leal ao pai de Bashar, com receio de perder seus direitos perante a sociedade e seus opositores, bem como o poder do regime preservado por décadas, logo convenceu Bashar a revogar essas práticas.

But even mild hints of change were threatening to the old-guard, Baathist military and intelligence officers who exercised real power. They had to keep the regime in power at all costs. Political openings and transparency might reveal their history of brutality and corruption. So they exerted pressure on Assad to crack down, and whatever he may have thought personally, he sided with them. That pattern was repeated numerous times during his rule³⁶ (ZISSER, 2007).

Ademais disso, foi também ainda mais sendo percebida durante os anos a diferença do governo Hafez comparado ao de seu filho Bashar. Isto porque a presidência do pai dependia essencialmente de si própria e de seus aliados: em primeiro lugar e acima de tudo, membros de sua família, sua tribo e sua comunidade - os alauítas - e só depois seus parceiros de coalizão. Bashar Al-Assad evitou introduzir mudanças significativas nessa estrutura, embora aparentemente ele esperasse cultivar um círculo de burocratas para ajudá-lo a promover o que ele considerava ser reformas necessárias no estado (ZISSER, 2007). O grande questionamento era se ele seria capaz de conseguir isso, pois vários observadores da Síria previram que, se Bashar não fosse sábio o suficiente para construir vínculos com esses grupos poderosos, ele fracassaria em seus esforços para promover o tão almejado processo de reforma real e, pior, ele provavelmente perderia seu status de governante.

Com passar do governo, o ritmo de mudança logo foi desacelerado e, em vez de um governo mais democrático, a Síria viu no comando uma espécie de autoritarismo liberal. Já no início de 2001, vários dissidentes da oposição foram presos e os limites à liberdade de imprensa foram logo restabelecidos. Pelo resto da década, a Lei de

³⁶ Mas mesmo leves indícios de mudança ameaçavam a velha guarda, militares baathistas e oficiais de inteligência que exerciam poder real. Eles tinham que manter o regime no poder a todo custo. Aberturas políticas e transparência podem revelar sua história de brutalidade e corrupção. Então eles exerceram pressão sobre Assad para reprimir, e o que quer que ele possa ter pensado pessoalmente, ele ficou do lado deles. Esse padrão foi repetido várias vezes durante o seu governo (tradução livre).

Emergência de 1963 continuou em vigor, permitindo que agentes de segurança prendessem dissidentes sem mandados judiciais e os mantivessem sem contato externo por longos períodos.

Antes da eclosão de 2011, mesmo com esse péssimo cenário à oposição síria, esta rejeitou a interferência dos EUA e pediu mudanças significativas, mas pacíficas³⁷. Em 2006, Bashar enfatizou a necessidade de uma solução síria para os problemas sírios e recusou também qualquer tipo de abertura internacional, pois estava convencido de que seu tipo de nacionalismo prevaleceria. Conforme a seguir pode ser visto tal pensamento em um dos muitos discursos feitos por Bashar ao público:

We want peaceful change, without any war. We don't want to depend on foreign forces. Reform must come from inside Syria. We can compete with the Baath Party if given a fair chance. We don't want the government to fall; we want it to change from internal pressure. And we want gradual change. The opposition and government must work with each other. Let's learn the lessons from Iraq. We don't want chaos³⁸ (ZISSER, 2007).

Entretanto, a censura continuava principalmente a maioria das figuras oposicionistas públicas, o que impedia qualquer comunicação com o externo. Esta onda de opressão surgida sobre diversos atores da sociedade civil, principalmente nos anos de 2007/2008, diminuiu ainda mais o espaço para discórdia e colocou as diferentes oposições sírias em grande desvantagem – contexto totalmente divergente do que antes eles pensavam que seria fácil. Dessa maneira, a dificuldade para a oposição desenvolver suas atividades durante um ambiente de pressões externas ao governo, colocou as últimas esperanças da possibilidade de ocorrer sob um contexto em que a Síria desfrutava de uma boa posição na comunidade internacional³⁹ em um patamar claramente distante (HINNEBUSCH, 2001).

A ascensão de Bashar Al-Assad ao poder criou muitas expectativas na sua fase inicial. Contudo, não foi isso que aconteceu na prática, pois o descontentamento popular com o desemprego, a pobreza e a desigualdade, fez com que em 2011 ocorresse um

³⁷ Múltiplos partidos, uma imprensa livre, sindicatos livres, a suspensão do estado de sítio imposto ao país em 1962 e a plena cidadania dos curdos eram questões de preocupação vital para os sírios. Mas para Assad, eles eram questões levantadas pelos Estados Unidos para minar seu regime (ZISSER, 2007).

³⁸ “Queremos uma mudança pacífica, sem guerra. Nós não queremos depender de forças estrangeiras. A reforma deve vir de dentro da Síria. Podemos competir com o Partido Baath se for dada uma chance justa. Nós não queremos que o governo caia; queremos que mude de pressão interna. E nós queremos mudanças graduais. A oposição e o governo devem trabalhar uns com os outros. Vamos aprender as lições do Iraque. Nós não queremos o caos” (tradução livre).

³⁹ Isto devido ao regime ter em troca do apoio permitido difusão de escolas, caridades e publicações islâmicas. Por conseguinte, os governantes conseguiram desenvolver uma reviravolta a partir do ano de 2008, solidificando suas práticas contra o clero e reativando regulações já em desuso, o que levou à uma excelente melhora da posição internacional da Síria (COSTA, 2016).

levante popular nas principais cidades sírias: Damasco, Daraa e Aleppo. Em janeiro, apenas dois meses antes da revolta de 2011, Bashar disse: “A Síria é estável. Por que? Porque você tem que estar intimamente ligado às crenças das pessoas... Quando há divergência... você terá esse vácuo que cria distúrbios⁴⁰”. No entanto, tanto Al-Assad quanto a oposição tradicional se mostraram tragicamente errados devido ao movimento atualmente conhecido por Primavera Árabe.

2.3. O episódio da Primavera Árabe

Um conflito que colocou sírios contra sírios em proporções inimagináveis teve seu “start” no descontentamento da população Síria logo no início de 2001, apenas um ano após do atual governante chegar ao poder com o rápido contraste do seu modo de governar. O que pode ser percebido, não se pode negar, é que a ascensão de Bashar ao poder ocorreu em um momento que a Síria enfrentava uma série de desafios nos domínios da política, social e econômica internamente. Sem embargo, mesmo à vista dessa realidade, inevitavelmente questões foram levantadas sobre a capacidade do regime Baath em continuar funcionando no formato atual, pois já se mantinha no poder sírio desde 8 de março de 1963⁴¹, ou seja, há mais de 40 anos.

O contexto influenciador para o que se conhece nos últimos anos como a Guerra Civil Síria constitui-se pelo levante populacional chamado Primavera Árabe. O fator caracterizador de tal movimento foi a insatisfação dos povos árabes com a péssima qualidade de vida, além da liberdade que lhes era tirada coercitivamente pelos seus governantes e colonizadores europeus. Iniciaram-se então, em meados de 2011, as revoltas visando à democracia e independência pela Tunísia, seguindo de manifestações no Egito e na Líbia, até chegar ao país Sírio, este que é palco de um conflito civil até os dias atuais.

No início, a Síria parecia ser um lugar estável em comparação com Tunísia, Egito e Iêmen, onde os eventos da Primavera Árabe primeiro começaram a se desenrolar. Nas ruas, porém, é presente a decepção política e social com uma década de reformas que só pioraram a qualidade de vida dos cidadãos, principalmente os mais

⁴⁰ “Syria is stable. Why? Because you have to be very closely linked to the beliefs of the people.... When there is divergence... you will have this vacuum that creates disturbances.” (ZISSER, 2007, tradução nossa)

⁴¹ É difícil determinar o tempo que Bashar Al-Assad permanecerá no poder na Síria, mas não há dúvida de que os seis anos que se passaram desde que ele substituiu seu falecido pai como presidente em Damasco foram difíceis e tempestuosos. Para ele e o país que ele governa atualmente (ERLICH, 2014).

pobres. O abismo entre ricos e pobres acaba se tornando também em um dos muitos reflexos negativos representados nas manifestações, devido à ação dos últimos e inatividade dos primeiros (STARR, 2012 apud COSTA, 2016).

Um grande número de sírios vinha levantando essas questões por décadas, o que colaborou com o pânico crescente em Bashar Al-Assad, decidindo assim implementar algumas reformas em prol de continuar governando a Síria. Conseqüentemente, um dos pontos levantados foi referente ao estado de emergência, bem como a concessão da cidadania à maioria dos curdos privados de direitos civis e uma abertura de diálogo com líderes moderados da oposição. Se ele tivesse feito essas reformas em 2006, o cenário era outro e ele teria sido aclamado como um líder zeloso (ERLICH, 2014). Não obstante, em 2011, já era tarde demais porque a Primavera Árabe Síria, principalmente, contra Bashar e todo o seu governo tinha iniciado, e não havia como voltar atrás.

Syria's ruling elite became increasingly isolated, internationally and domestically. The Arab League—composed of twenty-two states from the Middle East and North Africa—voted unprecedented sanctions against Syria and later voted to recognize the Syrian opposition and eject Assad's government. The United Nations sent several observer missions and tried to broker a peace agreement. All the efforts failed. The regime has suffered a number of high-level defections, including the Syrian ambassador to Iraq, a Republican Guard brigadier general, and the prime minister. Every week saw desertions by lower-level military. Syria faced serious economic problems as well. But as ultra-right-wing rebels gained strength within the opposition, Assad rallied some Syrians to his side, arguing that a secular strongman is better than Islamic rule⁴² (ERLICH, 2014).

As ações eram inicialmente modestas, mas nem por isso deixaram de ser, muitas vezes brutalmente, reprimidas pelo regime. Dentre os muitos acontecimentos, há o ocorrido em 2 de fevereiro de 2011, em que um grupo de 20 homens vestidos à paisana dispersou agressivamente 15 manifestantes que faziam uma vigília à luz de velas em apoio aos manifestantes egípcios – detendo duas pessoas (ELLIOT et. al., 2011). Já no fim de mesmo mês, mais precisamente dia 28 de fevereiro, a Declaração de Damasco publicou um anúncio no site de notícias oposicionista, demandando reforma política,

⁴² A elite dominante da Síria tornou-se cada vez mais isolada, internacional e nacionalmente. A Liga Árabe - composta por vinte e dois estados do Oriente Médio e Norte da África - votou sanções sem precedentes contra a Síria e mais tarde votou em reconhecer a oposição síria e expulsar o governo de Assad. As Nações Unidas enviaram várias missões de observação e tentaram intermediar um acordo de paz. Todos os esforços falharam. O regime sofreu uma série de deserções de alto nível, incluindo o embaixador sírio no Iraque, um general de brigada da Guarda Republicana e o primeiro-ministro. Todas as semanas assistiram a deserções de militares de nível inferior. A Síria também enfrentou sérios problemas econômicos. Mas à medida que os rebeldes ultradireitistas ganharam força dentro da oposição, Assad reuniu alguns sírios a seu lado, argumentando que um homem forte secular é melhor que o domínio islâmico (tradução livre).

fim do estado de emergência e fim da exclusão aos grupos opositores (ELLIOT et. al., 2011).

Em 15 de março, uma manifestação em Damasco pedindo o fim da corrupção foi suprimida pelas forças de segurança, que prenderam 25 pessoas. Além disso, referente ao mesmo dia, o ministério das relações exteriores anunciou a promessa de uma reforma política, começando com emendas legislativas para eleições municipais e parlamentares. No dia 16 de março, as forças de segurança dispensaram quase 200 pessoas que desejavam se manifestar em Damasco, sendo que dentre esses foram contabilizados mais de 30 manifestantes presos. Em 18 de março, um protesto foi reprimido após a oração de sexta-feira na principal mesquita de Damasco (ELLIOT et. al., 2011).

O ápice dessa postura apresentada, por outro lado, foi apenas em março de 2011, quando adolescentes da cidade síria chamada Deraa acabaram aprisionados e torturados devido a grafites feitos pelos mesmos em defesa da queda do regime. Com isso, manifestações foram deflagradas não só a favor da liberdade desses meninos, mas também para toda a população.

Logo, insatisfeito com este cenário, Al-Assad demandou forte repressão, o que pensou ser o suficiente para colocar o fim no levante popular, mas o contrário aconteceu, pois, revoltas se alastraram por toda a Síria. A princípio então, essa guerra baseava-se apenas na disputa entre as pessoas pró e contras ao governo de Bashar – colocando-o assim, como o grande protagonista e fator gerador dos últimos acontecimentos na região – mas com o decorrer do tempo uma grande colcha de retratos foi se organizando.

No início as manifestações eram pacíficas, porém tudo mudou com a resposta vinda do governo. Os manifestantes queriam estabelecer um autêntico sistema parlamentar e realizar eleições livres, além da libertação de presos políticos e o direito de organizar protestos pacíficos. O governo rejeitou essas demandas e respondeu com ataques violentos, por conseguinte, em poucas semanas os protestantes exigiam a derrubada do governo. “Quando eles (o regime) começaram a matar pessoas”, disse Bakdouness⁴³, “as pessoas aumentaram suas demandas. Ninguém aceitou como eles nos mataram e nos prenderam por nada⁴⁴”. Desta forma, gradualmente, enquanto grupos

⁴³ Líder ativista na Primavera Árabe Síria.

⁴⁴ “When they (the government) started killing people,” Bakdouness said, “people increased their demands. No one accepted how they killed us and arrested us for nothing” (ERLICH, 2014, tradução nossa).

rebeldes produziam inúmeros ataques ao ditador, o governo e seus defensores adotavam medidas coercitivas em relação ao povo sírio.

À vista disso, diferentemente dos movimentos na América Latina ou na África nas décadas anteriores, o conflito sírio carecia de determinada liderança política ou militar coesa. Em consequência, os homens jovens da mesma aldeia ou cidade começaram a se agrupar para formar milícias locais ad hoc, se armando com rifles caseiros ou suprimentos capturados dos militares sírios (ERLICH, 2014). No início de 2012, as potências estrangeiras já estavam armando os rebeldes, cada um buscando grupos que cumprissem seus objetivos políticos na Síria, iniciando assim, a criação das chamadas coalizões.

O suporte aos dois lados da moeda sempre teve presente, isto porque, desde o início do confronto havia na comunidade internacional quem apoiasse ao governo fornecendo armas e apoio militar, como é o caso da Federação Russa e do Irã. Assim como também, em contrapartida, havia as oposições históricas a Síria, não só apenas ao governo de Bashar Al-Assad, estas compostas pela Arábia Saudita, Turquia e os Estados Unidos, os quais fornecem total assistência aos grupos rebeldes sírios.

Contudo, foi em meados de 2014 que as questões levaram um rumo bem mais intenso, isto porque, o Estado Islâmico (EI) entrou em cena, enfrentando tanto o governo como os rebeldes, causando ao país um ônus gigantesco. O governo russo e o norte-americano – os quais representam as duas potências de maior influência nesse contexto – posicionaram-se de imediato totalmente contra ao grupo radical, iniciando então o processo de colocar maiores reforços para dentro do confronto, além de organizarem coalizões internacionais para lograrem resultados mais eficientes. Em contrapartida, após certo tempo a Primavera Árabe chegou a uma fase de quase desaparecimento do EI, conseqüentemente dando um ponto final no conceito de guerra em comum⁴⁵.

Com tal contexto apresentado, percebeu-se que o que era antes “impossível”, estava tragicamente acontecendo. No início da Primavera Árabe, Bashar Al-Assad se gabou de que seu país nunca veria uma revolta popular devido às suas credenciais nacionalistas, todavia, a história raramente forneceu uma refutação mais impressionante e imediata (ERLICH, 2014). É constatada, segundo a ONU, que nos últimos anos mais de 511 mil mortes de sírios na guerra civil desde o início da revolta, com milhares de

⁴⁵ Este cenário será mais aprofundado no decorrer do próximo capítulo.

peças morrendo continuamente a cada mês – dentre elas milhares de militares e policiais. Somando-se ao caso em tela, mais de nove milhões de sírios fugiram do país ou foram deslocados internamente tornando a Síria muito mais perigosa comparada as regiões da Tunísia ou do Egito no auge de suas revoluções.

Portanto, certifica-se que a insistência do regime sírio em defender o indefendível e oferecer discursos repetitivos e enganosos interfere diretamente nas suas relações tanto internacionais, quanto regionais. Consequentemente, os grandes poderes da sociedade internacional passaram a denunciar o governo Bashar e seu regime como ilegítimo. Isto sendo claramente ligadas ao equilíbrio de poder sírio constituído por forças a favor do regime Bashar, assim como contra ao seu governo totalitário e, por isso, suas políticas internas e internacionais também tem consequências diretas ao cenário de caos em que a Síria se encontra.

3 EQUILÍBRIO DE PODERES

3.1. Balança de Poder Síria

A partir do cenário da Guerra Civil Síria, o que é visto perceptivelmente ainda como grande impasse é o desafio contínuo dos atores nacionais e internacionais – incluindo, principalmente, os líderes dos confrontos, bem como os civis – em conviver com as diferentes realidades das cooperações influenciadoras à balança de poder na região síria, esta que possui interesses dos mais diversos. Conseqüentemente, o fim desse conflito vem se tornando cada vez mais árduo.

Contudo, segundo Ali Hillal Dessouki (2008), o grande fator político externo sírio se manteve marcadamente consistente ao longo do governo sucessivo Baathista Al-Assad (presente desde 1970). Enquanto diferentes países árabes tiveram a necessidade de subir uma grande reestruturação da política externa, a Síria, por outro lado, conseguiu sobreviver a transformações ao longo alcance em seu ambiente externo com apenas algumas mudanças estéticas anteriores aos acontecimentos da Primavera Árabe.

Syrian foreign policy constants outpaced the Cold War, the September 11 attacks, three Gulf-consuming wars, a handful of Arab civil wars, and the protracted Arab-Israeli struggle. Moreover, neither the loss of allies nor the growing list of enemies seemed to affect the decision-makers of Syria⁴⁶ (DESSOUKI, 2008).

Somando-se, Geddes (2012) defende um ponto de vista no qual o atual regime sírio se caracteriza como um regime personalista, onde um único líder domina os três grandes fatores em um Estado: o militar, o aparelho estatal e o partido no poder – tais regimes normalmente dependendo de redes pessoais, em geral baseadas em parentesco, etnia ou região, no lugar de instituições estatais adequadas. Zisser (2007) também destaca o caráter claramente pessoal do regime sírio e como ele gira completamente em torno da personalidade e imagem do homem que o criou, este que não representa apenas a figura de Bashar Al-Assad, mas como também a de seu antecessor, o próprio pai Hafez Al-Assad.

Já Nikolaos Van Dam (2011 apud TAWIL, 2012) aborda o termo “assadismo” para expressar como o culto de liderança ao regime da família Assad ainda domina na política síria, tal controle é tanto, que o Partido Baath governa o país a mais de 40 anos.

⁴⁶ As constantes da política externa síria ultrapassaram a Guerra Fria, os ataques de 11 de setembro, três guerras que consumiram o Golfo, um punhado de guerras civis árabes e a prolongada luta árabe-israelense. Além disso, nem a perda de aliados nem a crescente lista de inimigos pareciam afetar os tomadores de decisão da Síria (tradução livre).

Além destes autores, Cleveland (2011 apud TAWIL, 2012) enfatiza como essa personalização é o caráter diferencial do regime sírio, pois visa elevar a imagem do presidente ao nível de uma sabedoria além da compreensão do cidadão comum.

Ademais, partidários de Assad argumentaram que o governo fornecia segurança e estabilidade. Contudo, quanto mais os sírios viam a guerra sectária no Iraque e no Líbano, eles, compreensivelmente, temiam o pior. E foi justamente devido a esse receio do possível caos, principalmente vindo de grupos minoritários como, por exemplo, é o caso dos xiitas, que Assad jogou habilmente utilizando-se do fato de que eles, muito provavelmente, sofreriam sob o domínio da maioria sunita⁴⁷. David Lesch, professor de estudos do Oriente Médio na Universidade Trinity, em San Antonio, observou que a família Assad, acrescentando ainda a todo esse contexto, usou métodos sofisticados para silenciar os críticos⁴⁸ (ERLICH, 2014). Entretanto, após certo tempo entende-se que o equilíbrio de poder positivo à Síria foi apenas algo ocorrido inicialmente e começou a desmoronar.

O que muito pensam a partir de uma leitura fácil do conflito é que a ruptura na história da Síria ocorreu quando a troca violenta entre o regime e seus adversários iniciou e, infelizmente se auto-sustentou. Porém, para Kheder Khaddour e Kevin Mazur (2013), a ruptura decisiva no contexto da guerra civil síria veio logo com a ocorrência das manifestações pacíficas iniciais. Os sírios compareceram aos primeiros protestos sem medo de serem tratados com base em identificações subnacionais e encontraram outros que pensavam da mesma maneira.

Logo depois desse cenário que as coisas aos poucos foram se modificando⁴⁹. Um bom exemplo foi depois que os ataques aéreos do regime em 2012 destruíram muitos distritos de Homs em maioria sunita e deslocaram seus habitantes⁵⁰, o sectarismo sírio

⁴⁷O conflito sírio é predeterminado por fatores sociais e sectários, com uma oposição armada quase inteiramente enraizada na população de maioria árabe sunita - particularmente entre grupos sociais descontentes como os pobres rurais - enquanto as áreas minoritárias e de classe média e alta permaneceram passivas ou apoiou ativamente o presidente.

⁴⁸ Um ótimo exemplo foi o projeto levantado pelo governo Al-Assad publicamente conhecido como “#verãoasíria”. Esta foi uma tentativa de chamar atenção, e ao mesmo tempo, de esconder da população internacional a situação conflituosa da Síria. Foram construídos resorts localizados bem distantes da guerra civil (O Verdadeiro Poder de Bashar Al-Assad. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-yG_AWosIFQ&t=24s>. Acesso em 28 de abril de 2018).

⁴⁹ A mudança do protesto não violento para a luta armada ocorreu gradualmente, protestos pacíficos se tornaram cada vez mais difíceis. Qualquer tentativa de realizar uma manifestação foi rápida e violentamente dispersa. Alguns da oposição acusaram o regime de intencionalmente libertar extremistas islâmicos da prisão na esperança de que eles tomariam uma luta armada e divisiva (ERLICH, 2014).

⁵⁰ Este é um dos principais fatores que influenciaram a maioria da população de Homs em considerar Bashar AL-Assad como o grande opressor, assim como “incentivou” a criação e presença de vários grupos rebeldes na região – os quais consideram Homs como a capital da Revolução (O Verdadeiro Poder

começou a vir à tona, as gangues pró-regime conhecidas como Shabbiha começaram a reunir os bens de seus vizinhos para vender nos “mercados sunitas”. (KHADDOUR & MAZUR, 2013).

Sem embargo, a repressão por parte do regime liderada por Bashar constatou que, apesar da cautela mostrada pelos seus parceiros e adversários – os quais estavam temendo a possibilidade que a desordem na Síria se estendesse além de suas fronteiras de forma natural ou por uma política deliberada do regime – a Síria alcançou quase uma situação de total isolamento diplomático.

By the summer of 2012, a year after protests began, the ruthless attacks on demonstrators and stubborn will of the regime to militarize the uprising finally prevailed. Multi-ethnic crowds pressing for non-violent change became scarce. The extended sieges upon Homs, Douma, Tall Kalakh and parts of Dar'a province became the rule. Consequently, concern for survival and local exigencies returned to the fore. For all the violence of the latest phase of the Syrian uprising, it is this current period that exhibits the greatest continuity with the pre-revolutionary patterns of Syrian social and political life. Events conspired to drag the uprising back onto the regime's home turf⁵¹ (KHADDOUR & MAZUR, 2013).

Desse modo, o cenário deste país ganhou maior visibilidade global rapidamente⁵², tanto que foi o único meio possível em que os contrários ao governo encontraram para obter atenção e reconhecimento de outras sociedades. Isto porque esse regime vinha apresentando medidas ditatoriais contra seus rivais como a proibição de greves, instrumentalização dos sindicatos pelo estado, e até mesmo divisão da oposição. Consequentemente, ficou inviável para estes constituírem um movimento social que forçasse o regime para realizar reformas urgentes, assim afundando o regime em uma das maiores crises da história.

À vista desse cenário, a situação no país, definitivamente, transcendeu as fronteiras da Síria, e ao passo que o conflito foi se estendendo sem um “vitorioso”, novos atores com múltiplos interesses e poder de combate foram se incorporando ao

de Bashar Al-Assad. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-yG AWoslFQ&t=24s>>. Acesso em 28 de abril de 2018).

⁵¹ No verão de 2012, um ano após o início dos protestos, os ataques implacáveis contra os manifestantes e a vontade obstinada do regime de militarizar a insurreição finalmente prevaleceram. Multidões multiétnicas pressionando por mudanças não violentas se tornaram escassas. Os cercos ampliados em Homs, Douma, Tall Kalakh e partes da província de Dar'a tornaram-se a regra. Consequentemente, a preocupação com a sobrevivência e as exigências locais voltou à tona. Por toda a violência da última fase da revolta síria, é este período atual que exibe a maior continuidade com os padrões pré-revolucionários da vida social e política síria. Eventos conspiraram para arrastar a insurreição de volta para o território natal do regime (tradução livre).

⁵² No cenário internacional, a Guerra da Síria atraiu a atenção desde o começo, principalmente pelo uso ativo da tecnologia em compartilhar o contexto do caos existente, seja pela importância geoestratégica do país, seja pelos atores envolvidos a favor e contra o governo.

cenário da guerra. Logo, além das forças do governo e os rebeldes, havia espalhados pelo país asiático grupos paramilitares, grupos terroristas e atores Estatais internacionais.

Com isso, Bashar começou a se encontrar cada vez mais perdido, porém ainda com aliados fiéis, os quais asseguravam que os estrangeiros são responsáveis por grande parte da violência. O repórter televisivo, Alaa Ebrahim, previu que o conflito continuará enquanto os Estados Unidos e a Arábia Saudita financiarem os rebeldes. Os oponentes e rebeldes civis fizeram o mesmo argumento, apenas no sentido inverso. “Assad cairia rapidamente se não recebesse apoio da Rússia, Irã e Hezbollah⁵³”, disse o ativista Leen. (ERLICH, 2014).

Os motivos por trás da guerra civil síria estão enraizados de forma muito profunda na história do país desde a antiguidade – a balança de poder vista na atualidade foi apenas renovada e reforçada, mas os integrantes em sua maioria já existiam. Independente em 1946, a formação do Estado Sírio levou consigo a disputa étnica e religiosa pelo poder sempre em evidência, como consequência da política colonial francesa de enfraquecer a unidade árabe, instaurando pequenas divisões no país. Em vista disso, foram desencadeadas tensões sociais relacionadas à pobreza, tensão territorial entre o centro e a periferia, bem como tensão sectária.

From the beginning, the Syrian conflict was sectarian, social, and political. These three factors were interrelated, because sectarian divides are everywhere in Syria. The revolt started in an attempt to get rid of Assad, the state bureaucracy, the Baath Party, the intelligence services, and the general staff of the Syrian Arab Army. But all of these bodies are packed with Alawites, over 90 percent of whom work for the state. In mixed Alawite-Sunni areas, the protests only took place in the Sunni areas. In Latakia, Baniyas, and Homs, the demonstrators clashed with Alawite counterdemonstrators... In the Daraa Province, the population is almost exclusively Sunni and the demonstrations naturally spread—but they stopped right at the border of the Druze-populated Sweida Province, which did not sympathize with them at all. In Aleppo, the divisions were mainly social, between the well-to-do and poorer people, and between indigenous city dwellers and new arrivals from the countryside who lived in the slums. But the sectarian factor was present in Aleppo too, with Christians remaining staunchly pro-regime and the Kurds playing their own game, as we have seen with the autonomous cantons in Afrin, Ein al-Arab (Kobane), and Qamishli. In the end, sectarianism began to overshadow the other parameters of the Syrian crisis⁵⁴ (BALANCHE, 2015).

⁵³ “Assad would fall quickly if he does not receive support from Russia, Iran and Hezbollah” (tradução nossa, ERLICH, 2014).

⁵⁴ Desde o início, o conflito sírio foi sectário, social e político. Esses três fatores estavam inter-relacionados, porque as divisões sectárias estão em toda parte na Síria. A revolta começou na tentativa de se livrar de Assad, da burocracia do Estado, do Partido Baath, dos serviços de inteligência e do estado-maior do Exército Árabe Sírio. Mas todos esses corpos estão cheios de alauítas, dos quais mais de 90%

Destarte, é constatado que internamente, a expansão da participação popular ampliou a camada social da violência no decorrer do confronto, por conseguinte, fazendo surgir diversos grupos autônomos estruturados por motivos distintos: grupamentos compostos por civis, desertores das forças armadas, jihadistas globais, nacionalistas curdos, e entre outros. Tais circunstâncias findam contribuindo para a fragmentação da oposição síria devido aos interesses divergentes da mesma, ou seja, dificultando a formação de uma entidade estável e forte o suficiente para substituir o cenário caótico do atual governo (GOMES & FRANCA, 2017).

Em razão disso, grande parte do debate em torno da queda da Síria na guerra civil centrou-se no sectarismo. É de extrema importância lembrar que o Infitah de 1991⁵⁵, ou abertura econômica – assim como as reformas aceleradas de liberalização sob o presidente Bashar Al-Assad – criaram uma desigualdade social que se mostrou impossível de administrar pela rígida burocracia síria, ao mesmo tempo em que aumentava as frustrações sectárias – notadamente contra os alauítas.

Cada vez estava mais claro que o antigo sistema Baathista já estava esgotado, pois se baseava notadamente na repressão, no lugar de focar na redistribuição da riqueza nacional síria. O professor e pesquisador Fabrice Balanche, chegou a dizer em uma entrevista⁵⁶ que “a economia da Síria precisava urgentemente de algum espaço para respirar, mas o jovem presidente não podia transformar a Síria em uma “economia de tigres”. Isso teria desafiado todo o sistema de poder que havia sido metodicamente construído por seu pai⁵⁷”.

trabalham para o estado. Em áreas mistas de alauítas e sunitas, os protestos só ocorreram nas áreas sunitas. Em Latakia, Baniyas e Homs, os manifestantes entraram em confronto com os contra manifestantes alauítas... Na província de Daraa, a população é quase exclusivamente sunita e as manifestações se espalham naturalmente - mas pararam bem na fronteira da província de Sweida, povoada por drusos não simpatizava com eles. Em Aleppo, as divisões eram principalmente sociais, entre as pessoas abastadas e mais pobres, e entre os habitantes das cidades indígenas e os recém-chegados do campo que viviam nas favelas. Mas o fator sectário também estava presente em Aleppo, com os cristãos permanecendo firmemente pró-regime e os curdos jogando seu próprio jogo, como vimos com os cantões autônomos de Afrin, Ein Al-Arab (Kobane) e Qamishli. No final, o sectarismo começou a ofuscar os outros parâmetros da crise síria (tradução livre).

⁵⁵ A aplicação do Infitah foi controversa porque atacou a tradição de substituição de importações e a lógica nacionalista que a motivou. Longe de resolver as dificuldades econômicas do país, a Infitah exacerbou as pressões inflacionárias. Além disso, com as crescentes possibilidades de consumo de produtos estrangeiros e a liberalização da taxa de câmbio, a compra de moeda forte tornou-se mais cara (SALEH, 2010).

⁵⁶ Disponível em: <<http://carnegie-mec.org/diwan/58875>>. Acesso em: 18 de maio de 2018.

⁵⁷ Syria's economy urgently needed some breathing room, but the young president could not turn Syria into a “tiger economy” This would have defied the whole system of power that had been methodically constructed by his father (tradução nossa, BALANCHE, 2013).

Quando a revolta síria começou em 2011, muitos cristãos simpatizavam com os apelos à democracia, mas preocupados com os extremistas islâmicos que viam os cristãos como infiéis. O bispo Nalbandian disse que nos primeiros meses os cristãos esperavam que o governo fizesse reformas significativas através de um diálogo significativo com a oposição. “Infelizmente, o governo perdeu esse momento, ou não pôde ou não usou esse momento. O governo fez algumas reformas de acordo com a constituição, mas na verdade não é suficiente⁵⁸” explicou ele (ERLICH, 2014).

For example, the government lifted its formal state of emergency first implemented in 1963, but then continued repressive policies. The government held parliamentary elections in 2012, but the new body has little power. Meanwhile, over the past year, extremist rebel groups seized more territory. When the rebel group ISIS took over the northern city of Raqqa in 2014, for example, it closed the churches and forced most of the Christians to flee⁵⁹ (ERLICH, 2014).

Desse modo, apesar de se tratar de um conflito interno, a guerra civil na Síria vem envolvendo muitos países – sendo estes prós e/ou contras ao governante Bashar – desde que teve início há sete anos. Desde 2011, aproximadamente 19 países participaram direta ou indiretamente do confronto, e dentre esse total⁶⁰, cerca de 13 lançaram ataques na Síria.

3.2. Prós e Contras ao Governo Bashar Al-Assad

O cenário de limitações impostas por Bashar aos seus opositores fez com que os mesmos iniciassem o processo de revoltas, bem como criassem coalizões entre eles e até novos grupos rebeldes. À vista disso, constata-se que não só durante o conflito, mas sim na história da Síria como um todo, é possível observar a influência e interferência de vários grupos em diferentes formas – caracterizando sistemas heterogêneos, ou seja, unidades políticas que apresentam visões antagônicas. Conseqüentemente, uma proporção maior ao equilíbrio de poder da guerra civil é causada, tornando-se mais

⁵⁸ Unfortunately, the government lost that moment, or could not or did not use that moment. The government has made some reforms according to the constitution, but in fact is not enough (tradução nossa, ERLICH, 2014).

⁵⁹ Por exemplo, o governo suspendeu seu estado formal de emergência implementado pela primeira vez em 1963, mas depois continuou políticas repressivas. O governo realizou eleições parlamentares em 2012, mas o novo órgão tem pouco poder. Enquanto isso, no ano passado, grupos rebeldes extremistas ocuparam mais territórios. Quando o grupo rebelde ISIS assumiu a cidade de Raqqa, no norte do país, em 2014, por exemplo, fechou as igrejas e forçou a maioria dos cristãos a fugir (tradução livre).

⁶⁰ Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-43764615>> Acesso em: 17 de maio de 2018.

complexo determinar todos os envolvidos. Entretanto, é possível constatar que o conflito reviveu antigas tensões entre o Ocidente e o Oriente.

Dessa maneira, tais fatores contribuem para a reprodução de comportamentos que tendem ao conflito e ao acúmulo de poder. Ali Hillal Dessouki (2008) fala sobre a influência deste contexto nas relações árabes e internacionais:

Arab regimes are lodged between domestic pressures, regional challenges, and global political order that compels them to revisit their attitude toward both their citizens and the world at large. Only comprehensive changes would enable them to function and survive. There is an undeniable link between the internal policies of Arab regimes and their ability to act on the external front⁶¹ (DESSOUKI, 2008).

Referente ao ambiente regional sírio há os países vizinhos que mais criticaram a política deste regime contra os antagonismos populares de seu povo: as monarquias ricas e conservadoras do Golfo, estas que são constituídas pela Arábia Saudita, Emirados Árabes e Catar – os quais integram uma das coalizões liderada pelos Estados Unidos, conjuntamente com Bahrein e Jordânia⁶². Desde o início do conflito, a Arábia Saudita veio apoiando alguns clérigos sunitas com um perfil salafista e, juntamente com o Catar. Contudo, este se tornou um parceiro econômico e diplomático para a Síria, conseqüentemente, convertendo-se assim em um contrapeso a monarquia Saudita. Em vista disso, a Arábia Saudita reordenando as prioridades, decidiu a não sustentar mais o regime secular do partido Baath na Síria, o qual representa uma oposição histórica.

Em contrapartida, embora uma das conseqüências imediatas e prováveis do colapso do regime de Assad seria um golpe para seus aliados – o Irã, o Hezbollah libanês e Hamas palestino – os governos israelenses diretos e esquerdos continuam a preferir o mau conhecido que o bom desconhecido. Embora tecnicamente neutro Israel se opõe à influência do Irã na Síria, que pode fortalecer o Hezbollah, seu principal inimigo no Líbano. Contudo, a preocupação de segurança mais séria refere-se ao medo do governo israelense na possibilidade de que a guerra civil torne um palco de conflito aberto entre a Rússia e estados como os EUA, Reino Unido e França, desencadeando um efeito dominó que poderia atrair Israel ainda mais para a luta.

⁶¹ Os regimes árabes estão alojados entre pressões domésticas, desafios regionais e ordem política global que os compele a rever sua atitude em relação a seus cidadãos e ao mundo em geral. Apenas mudanças abrangentes permitiriam que elas funcionassem e sobrevivessem. Há um inegável elo entre as políticas internas dos regimes árabes e sua capacidade de atuar na frente externa (tradução livre).

⁶² A Jordânia se juntou à coalizão liderada pelos EUA depois que o EI ameaçou abertamente derrubar o rei Abdullah. Já o Bahrein ligou-se aos ataques contra o EI na Síria em 2015.

Acrescentando-se aos grupamentos opositores à Bashar Al-Assad, existem também os representantes ocidentais, estes que visam à deposição do governante sírio, pois, acreditam que essa estratégia iria abrir o caminho para conquista de interesses, principalmente, dos líderes dessa oposição: União Europeia e Estados Unidos. Grandes exemplos de tais ambições estão uma ascensão representativa a favor da base ocidental, bem como a redução da influência regional iraniana e russa. Logo, esse quadro acarretaria no enfraquecimento do Hamas, Hezbollah e outros grupos considerados terroristas pelas soberanias ocidentais, além de simbolizar uma possibilidade de solução à crise dos refugiados (GOMES & FRANCA, 2017).

Além disso, referente aos países ocidentais, é de extrema importância observar a “união” deles contra um inimigo maior: o Estado Islâmico (EI). Entretanto, cada um com sua forma e interesses bilaterais, os Estados Unidos, por exemplo, em oposição ao Estado da Síria, procura enfatizar a necessidade da saída de Assad do poder como condição para derrotar o EI. Com Barack Obama ainda presidente, era defendido a necessidade de um novo líder e um governo de inclusão que una o povo sírio na luta contra grupos terroristas. Outroassim, o governo norte americano, desde março de 2011, percebeu motivos suficientes para ir com cautela em relação aos acontecimentos sírios, entretanto em 18 de agosto, os Estados Unidos chegaram ao seu limite e pediram reforma no regime Bashar Al-Assad, o que teve um forte impacto na questão econômica do país sírio.

Já a França e o Reino Unido são os países europeus que mais se mobilizaram no Conselho de Segurança para elaborar resoluções contra o regime de Assad, mas enfrentaram uma forte resistência de outros membros do Conselho, incluindo China⁶³, Rússia, Líbano, Brasil, Índia e África do Sul – sendo alguns desses países rotativos no que concerne em defender, de certa forma, o governo atual da Síria, como é o exemplo do Brasil, o qual por receio possíveis críticas se mantém afastado da crise. Diplomáticos desses países expressaram preocupação de que uma resolução poderia ser usada como pretexto para impor sanções ou exercer força militar sobre a Síria no futuro.

Com isso, é percebido que o governo Bashar possui também fortes aliados tanto regionais quanto internacionais. Um exemplo de apoio vizinho é o caso do Irã, este principal representante aliado histórico do governo Assad. O aprofundamento dessa

⁶³ A resistência chinesa à interferência internacional liga-se diretamente com seu receio de que esse fato acarrete com a tendência dos Estados Unidos e Europa de se envolver em questões internas de nações soberanas.

união veio desde a Revolução Iraniana de 1979⁶⁴, mas foi em 2006 que assinaram o primeiro pacto de defesa mútua bilateral entre ambos os países. Todavia, se tornou perceptível observar apenas nos anos seguintes que a demonstração de apoio à Assad por parte do governo iraniano se demonstrava de certo modo incondicional – tal “subordinação” liga-se, principalmente, para impor freio à influência de seu grande rival na região: a Arábia Saudita.

No que diz respeito à Turquia – a qual compartilha uma larga fronteira que se estende por todo o Norte de seu território com a Síria – inicialmente decidiu oferecer uma oportunidade para Assad no que concerne a uma espera de reformas, assim como o fim da repressão na Síria durante o primeiro momento da Primavera Árabe⁶⁵. No entanto, a partir de setembro de 2011, após ficar claro que Assad não levaria em consideração os seus interesses, a Turquia decidiu romper oficialmente as relações com a Síria e passou a apoiar diretamente os rebeldes. À vista disso, vale salientar que uma das questões que mais preocupava o governo turco e também o Iraque era a autonomia curda⁶⁶. De fato, a evolução do levantamento sírio também mostra a importância da consolidação de identidades coletivas, bem como conexões entre sírios na diáspora ou entre grupos tribais, religiosos e étnicos na Síria e países vizinhos.

Somando-se, logo após a Liga dos Estados Árabes terem anunciado sanções contra o regime sírio, em meados de novembro de 2011, a Turquia se impôs e até falou estar pronta para realizar uma operação militar na fronteira, principalmente, devido ao receio de maiores ganhos de espaço por parte dos curdos sírios localizados ao norte do país. Assim sendo, é percebida a imprecisão do posicionamento turco no que tange ao conflito, o que desencadeia então, fortes impactos negativos na coalização turco-americana, tendo em vista o apoio dos Estados Unidos aos rebeldes curdos (GOMES & FRANCA, 2017).

Acrescentando-se ao contexto conflituoso, em contrapartida aos EUA, há a Federação Russa, esta que apoia o atual governo sírio, assim como representa um antigo aliado ao país, sendo tanto o suporte da Síria nas Nações Unidas, quanto também seu

⁶⁴ Um dos principais motivos para o posicionamento de Teerã está relacionado à possibilidade de ascensão – possível consequência da queda de Damasco – de um próximo governo sunita que rompa as relações entre do Eixo de Resistência e, conseqüentemente, ocasione o isolamento regional do Irã.

⁶⁵ Ancara – capital da Turquia – se posicionou oficialmente em favor de Assad, tendo em vista a política de reaproximação entre os dois países iniciada na administração do atual primeiro ministro turco, Recep Tayyip Erdoğan.

⁶⁶ A facilidade com que o presidente decretou o início do processo de restituição da cidadania aos curdos demonstrou que resolver a questão curda era um caso de boa vontade e não de falta de recursos, por consequência, causando o medo aos turcos.

principal fornecedor de armas – além de conceder empréstimo do contingente militar e apoio aéreo para proteção do regime Bashar Al-Assad. O suporte russo se dá por motivos geopolíticos, domésticos e econômicos:

A Rússia possui uma base aérea na cidade de Latakia (no noroeste sírio) e, em Tartus (no oeste do país), está localizada sua última estação naval no Oriente Médio e único acesso russo ao leste do mar Mediterrâneo. Ademais, a aliança com o governo sírio garante um ponto de influência russo em detrimento do controle ocidental na região (cuja expansão significa a disseminação de movimentos que visam mudanças de regimes – fato que pode trazer sérias consequências dentro do território russo, composto por vários grupos étnicos que estão em constante tensão com o governo, buscando independência); e a manutenção do conflito favorece Moscou, pois significa a preservação de um comprador de armamentos russos e contribui para a elevação do preço do petróleo, o que aumenta a dependência energética europeia da Rússia (GOMES & FRANCA, 2017).

Somando-se, é importante destacar que, mesmo com a insistência dos russos em demonstrar que seus ataques visam os “mesmos terroristas” alvos dos Estados Unidos, outros governos suspeitam que estejam atacando também rebeldes que combatem Assad. Não obstante, de acordo com Marta Tawil (2012), o comportamento de Moscou revela uma tática de corda bamba, pois enquanto a Rússia não está disposta a apoiar sanções contra o governo sírio penaliza suas agências de armas e empresas de energia – como ocorreu na Líbia – correndo o risco de perder terreno se não estabelecer contatos com a oposição rebelde síria.

As tropas do presidente sírio, Bashar Al-Assad, lutam contra cerca de mil grupos rebeldes, que teriam 100 mil combatentes. Alguns com forte tendência extremista e com vínculos com o Al-Qaeda. Porém, foi no começo de 2014, que entrou em cena o grupo mais extremista desse cenário: o autodenominado Estado Islâmico (EI) – enfrentando tanto o governo como os rebeldes sejam radicais ou moderados. O momento de máxima expansão territorial do EI foi justamente na época de seu aparecimento, chegando a controlar aproximadamente uma área de 242 mil km² entre os países que mais dominavam: a Síria e o Iraque⁶⁷.

Entretanto, no início de 2017 o califado já controlava uma área de menos um quinto comparado a três anos atrás, de apenas 45.377 km². O ano de 2017 foi repleto de fracassos bastante relevantes ao Estado Islâmico – sendo esse contexto apenas três anos após o grupo extremista declarar um califado nas diversas regiões que controlava na Síria e no Iraque, tais países os quais não têm mais cidades submetidas aos jihadistas.

⁶⁷ Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151120_siria_entenda_tg>. Acesso em: 17 de maio de 2018.

Contudo, isso não significa o fim do grupo ultraradical, que ainda deve continuar realizando ataques terroristas.

TABELA 3 – BALANÇA DE PODER NA SÍRIA

	APOIA	OPÕE
Rússia	Bashar Al-Assad	Estado Islâmico e outros rebeldes
EUA	Grupos rebeldes considerados moderados e os Curdos	Bashar Al-Assad e o Estado Islâmico
Irã	Governo Bashar Al-Assad	Estado Islâmico e Insurgentes Sunitas
Arábia Saudita	Rebeldes Sunitas	Bashar Al-Assad
Israel	-	Irã e o grupo paramilitar Hezbollah
Turquia	Coalizão liderada pelos EUA e rebeldes	Governo Bashar Al-Assad e Separatistas Curdos
Curdos	Coalizão liderada pelos EUA	Estado Islâmico
EI	-	Os contrários a ele na Guerra Civil

FONTE: Elaboração própria.

Ao decorrer da guerra civil síria, a comunidade internacional decidiu atuar mais firmemente em relação ao conflito, e por esse motivo, a Síria se tornou visivelmente um campo de batalhas repleto de influências de potências regionais e globais. Onde os opositores do regime tentam promover ações mais potencializadoras que levem a desestabilização e possível deposição de Assad, enquanto que seus aliados tentam, sistematicamente, vetar decisões que sejam prejudiciais à administração atual no âmbito das Nações Unidas.

3.3. Os principais atores influenciadores no contexto Sírio

Ao longo dos anos, à vista de todo esse contexto desordenado pelos contínuos confrontos sírios, percebe-se que ainda há uma forte ligação da política internacional com os princípios do Realismo – principalmente quando seu objetivo central é colocado na sobrevivência. Seguindo esse sentido, a afirmativa do psicoterapeuta alemão

Hellinger (2007) acaba se tornando um verdadeiro retrato da atualidade: “A vontade de sobreviver gera extermínio”.

Por consequência, como a Síria se tornou o palco no qual a política de poder e a competição são realizadas, os últimos sete anos vieram provando que essa guerra civil não pode ser contida (DALTON, 2018). Desse modo, é de extrema importância analisar a atuação das regiões integrantes dessa balança de poder – mais precisamente, sobre os principais influenciadores: Rússia, EUA, Irã, Arábia Saudita, Israel, Turquia, os Curdos e o Estado Islâmico – para assim, compreender melhor o jogo de interesses existente.

Os anos se passaram e não vendo alterações futuras por parte do governo da Síria, o mundo reagiu com raiva e indignação. Uma das respostas imediatas foi em agosto de 2013, quando os Estados Unidos se preparavam para atacar o governo sírio pelo uso de armas químicas⁶⁸, usando técnicas de relações públicas aperfeiçoadas no Iraque e na Líbia. O governo Obama condenou veementemente o regime de Assad e preparou-se para bombardear a Síria em retaliação à condenação – os sírios haviam cruzado a “linha vermelha” criada pela administração sobre o uso de armas de destruição em massa.

Para tanto, os rebeldes esperavam que os bombardeios americanos destruíssem a força aérea de Assad e levassem a uma vitória da oposição, mas nem todos aceitaram as reivindicações do governo. O regime de Assad argumentou que os rebeldes, não o governo, tinham disparado as armas químicas para provocar um ataque por parte dos EUA a Damasco e os inspetores de armas das Nações Unidas acabaram publicando dois relatórios sobre o uso de armas químicas⁶⁹. Desse contexto em diante a controvérsia foi instalada, principalmente com as dúvidas lançadas pelos repórteres investigativos sobre algumas das alegações do governo Obama.

Além desses questionamentos, houveram alguns erros feitos pelo governo norte americano. Na realidade, Obama tinha uma política na Síria, todavia simplesmente não funcionava, a Central Intelligence Agency⁷⁰ (CIA) começou a trabalhar muito cedo com

⁶⁸ A internacionalização do conflito foi intensificada após a utilização de armas químicas pelo regime de Al-Assad durante ataques aéreos contra rebeldes nos arredores de Damasco – fato confirmado a partir da investigação feita pela comissão independente da Organização das Nações Unidas (ONU).

⁶⁹ Questão essa que parece estar se repetindo nesse ano (2018) – bem como no ano de 2017 – nos quais as Nações Unidas também se comunicaram em novos relatórios. Apesar da redução da violência em alguns lugares da Síria, as partes em conflito continuaram promovendo crimes impensáveis contra civis, incluindo o uso de armas químicas pelas forças governamentais.

⁷⁰ Em português significa: “Agência Central de Inteligência”. Esta é uma agência de inteligência civil do governo dos Estados Unidos responsável por investigar e fornecer informações de segurança nacional para os senadores daquele país.

os exilados sírios, mas foi incapaz de encontrar ou criar grupos rebeldes credíveis, pró-EUA, apesar dos esforços exaustivos (ERLICH, 2014). Pois, o governo americano entendeu que a partir dessas alianças com grupos radicais potentes instaurados diretamente no “pote de ouro” – ou seja, na Síria – iria o tornar mais forte, bem como determinaria aos poucos sua liderança nessa balança de poder.

Em razão disso, os Estados Unidos formaram duas coalizões civis diferentes: apoiaram o Free Syrian Army⁷¹ (FSA) e depois tentou o ampliar criando uma diretoria de trinta homens chamada Conselho Supremo Militar. O FSA se formou em meados de julho de 2011 a partir do anúncio publicamente feito por desertores pertencentes ao exército de Assad. Conseqüentemente, ambos os lados começaram a se engajar em assassinatos direcionados e, nos meses seguintes, tentaram colocar sob sua ordem as diferentes milícias que estavam surgindo em todo o país. Com isso, o FSA tornou-se o braço armado da Syrian National Council⁷² (SNC) e seu grupo sucessor, a Coalizão Nacional para Forças Revolucionárias e Oposição.

Devido à insurgência estabelecida após o levante de 2011, o regime de Assad perdeu o controle sobre grande parte do leste da Síria, que é habitada principalmente por tribos. Isso criou aberturas para novos atores políticos, entre eles grupos islamistas radicais, para explorar as divisões tribais e promover seus próprios interesses. O ganho material de oportunidades e a necessidade de segurança – como consequência dos isolamentos locais relacionado ao povo sírio – empurraram essas comunidades cada vez mais para o interior, enfraquecendo as relações tribais mais amplas (KHADDOUR & MAZUR, 2013).

Já o governo de Israel, no curso da guerra civil, enfrenta um crescente desafio de segurança em sua fronteira Sul, onde há protestos semanais de milhares de palestinos na Faixa de Gaza, entretanto, a preocupação de segurança mais séria é a tensa fronteira norte do país com a Síria, pela qual, uma variedade de aviões de guerra israelenses entrou no território sírio. O governo israelense bombardeou comboios afiliados ao Irã ou ao Hezbollah cerca de 100 vezes. Depois que um de seus caças-aviões foi derrubado pelo que se acredita ser uma defesa antiaérea síria em fevereiro desse ano (2018), Israel

⁷¹ Em português significa: “Exército Livre da Síria”. Este é um grupo armado sírio, formado por civis e militares desertores, que atualmente forma uma das principais facções da oposição ao governo do ditador Bashar Al-Assad.

⁷² Em português significa: “Conselho Nacional Sírio”. Esta é uma organização da oposição síria criada no início da guerra civil contra o governo de Bashar Al-Assad. Somando-se a isso, o FSA logo teve apoio dos Estados Unidos, da Turquia, da Arábia Saudita e do Catar.

lançou um ataque aéreo "em grande escala" contra 12 alvos na Síria. Na ocasião, o governo israelense alegou que destruiu metade das defesas aéreas sírias⁷³.

Contudo os israelenses, na realidade não têm interferido na guerra civil, salvo para responder às bombas sírias ou dos rebeldes que caem em território israelense, bem como para impedir a expansão da infraestrutura militar do Irã – este que é seu verdadeiro inimigo nesse contexto⁷⁴. Com isso, Israel está pronto para adotar medidas preventivas para se proteger de ataques do Irã que ao seu olhar está tentando ganhar apoio na Síria, afirmou à Sputnik o ministro para Jerusalém e Assuntos da Diáspora de Israel, Zeev Elkin. Inclusive, Israel declarou inúmeras vezes que não permitirá que o Irã transforme a Síria em uma base militar⁷⁵. Entretanto, a preocupação encontra-se na possibilidade de Israel e Irã passar para uma próxima etapa desse embate, pois vai ser difícil tanto para os EUA, quanto para Rússia ignorarem o confronto entre essas duas regiões.

Já em setembro de 2015, a Rússia entrou realmente na guerra civil e teve uma participação ativa no conflito, com ataques aéreos e bombardeios, conseqüentemente, colocando a situação a favor do governo sírio. Contudo, o governo russo argumenta que os alvos de seus bombardeios não foram apenas às forças rebeldes – os quais invadiram as bases militares sírias – mas também destinados ao Estado Islâmico. De acordo com uma comissão de inquérito da ONU, os atentados mataram um grande número de civis, além de considerar tal cenário o segundo pior combate da história – perdendo apenas para a Segunda Guerra Mundial.

O momento dessa chegada russa no conflito está propriamente conectado a circunstância de ameaça que o governo russo sentiu referente ao seu interesse. Isto por causa das atuações tendenciosas comandadas pelo regime norte americano a fim de assumir uma posição de predominância em relação ao restante das forças que equilibram esse sistema conflituoso e heterogêneo.

Então, o destino da Síria pode depender cada vez mais de quão bem o regime de Assad está unido, sobretudo ao apoio político, econômico e militar essencial da Rússia,

⁷³ Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-43764615>>. Acesso em: 17 de maio de 2018.

⁷⁴ Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,guerra-de-fato-na-siria-sera-entre-ira-e-israel,70002271297>> Acesso em: 26 de maio de 2018.

⁷⁵ Disponível em: <https://br.sputniknews.com/oriente_medio_africa/2018052511304223-israel-adoptara-medidas-impedir-ira-ganhar-apoio-siria/>. Acesso em: 26 de maio de 2018.

do Irã e do Hezbollah – agora é inteiramente dependente deles⁷⁶. Contudo, seu exército e forças paramilitares frequentemente entram em choque: homens do Hezbollah falam de soldados sírios atirando neles; os soldados sírios, por sua vez, estão incomodados com os postos de controle iranianos e do Hezbollah para garantir que eles fiquem na linha; e soldados sírios há muito tempo encontram entendimentos com rebeldes – às vezes eles concordam em não lutar, enquanto os rebeldes às vezes compram munição dos soldados.

Atualmente, sem dúvida, a complexidade e os altos riscos da variedade de opções na Síria restringiram o desenvolvimento de estratégias e as opções políticas do governo estadunidense, fazendo com que este perdesse espaço na balança de poder em questão nos últimos anos. Entretanto, não pararam de tentar recuperar seu domínio, e mobilizando uma coalizão com a Inglaterra e a França, tentou diminuir a influência de Bashar devido ao uso de armas químicas, mas com o Irã e a Rússia a frente do governante sírio, não houve o resultado desejado⁷⁷.

Outra força impactante à situação conflituosa síria é o caso dos Curdos. Com o início da Primavera Árabe em março de 2011, os curdos vieram se autoproclamar perante todos os cidadãos e usuários que não estavam procurando a independência, alguns analistas e ativistas sírios árabes consideram até que se tratou apenas de uma tática para ganhar tempo. Isto posto, tornou-se inegável, por exemplo, observar uma parte significativa da nova geração de militantes curdos como mais radicalizada que a anterior em meados de 2004 – ano no qual consistiam confrontos entre árabes e curdos na Síria, mostrando que a identidade étnica, juntamente com a marginalização econômica, dá à região nordeste da Síria oportunidade de aproveitamento como um veículo mobilizador político cada vez mais importante (TAWIL, 2012).

Uma nova ação liderada pelo governo norte americano contra Bashar Al-Assad poderia beneficiar ou prejudicar a causa dos curdos na Síria — mas com a estratégia de longo prazo dos Estados Unidos tão incerta, é difícil fazer um previsão (GUNES, 2018). Mesmo que o processo de paz de Astana no Cazaquistão, liderado pela Rússia, tenha o potencial de marginalizar completamente os curdos, uma intervenção liderada pelos

⁷⁶ Disponível em <<https://www.economist.com/middle-east-and-africa/2015/04/04/assad-on-the-back-foot>>. Acesso em 17 de maio de 2018.

⁷⁷ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/04/14/ataque-ocidental-siria.htm>>. Acesso em: 14 de abril de 2018.
Disponível em: <<http://m.jc.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2018/04/14/nao-ficariao-sem-consequencias-diz-russia-sobre-ataque-dos-eua-335331>>. Acesso em: 14 de abril de 2018.

EUA poderia potencialmente enfraquecer o regime de Assad a ponto de se sentir mais inclinado a negociar.

Por outro lado, se os Estados Unidos atacarem o regime atual sírio sem um forte compromisso de ver o conflito chegar a uma resolução, a Rússia, o Irã e o governo de Assad poderão ser obrigados a atacar a entidade liderada pelos curdos, o colocando no pedestal de um “inimigo interno”. Nesse possível cenário, a Rússia poderia até mesmo abrir as portas à Turquia para seguir seu objetivo de acabar com a entidade autônoma de origem curda (GUNES, 2018).

É possível concluir, a partir da análise em tela dos interesses e motivações relacionadas à concha de retalhos caracterizante à Síria, é que essa região vive uma verdadeira guerra assimétrica. Isto não apenas envolvendo as questões internas e/ou outros atores do Oriente Médio, mas como também as tensões com as potências Ocidentais e extra regionais. À vista disso, é percebido como a relação de poder e interesses conflituosos permanecem bastante fortes na humanidade como um todo, colocando então constantes barreiras para o desenvolvimento de políticas realmente eficazes e dispostas a desenvolver as regiões de forma positiva, nesse caso, a Síria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os movimentos de rebeliões constantes na região síria – tendo como causas principais razões políticas, sociais, econômicas, e até mesmo religiosas – provocam muitas consequências que vêm deixando marcas até os dias atuais. Dentre esses atos revoltosos, não há somente a continua disputa entre o governo Bashar Al-Assad, juntamente com seus aliados, contra seus opositores, mas também uma luta contra o radicalismo islâmico, este concretizado como o maior desafio, não somente para a Síria, e sim para o mundo. Somando-se a isso, existe ainda a disputa de poder entre a Federação Russa e os Estados Unidos da América, os quais estão dispostos a fazer o que for possível para tomar as rédeas do país árabe. Logo, tudo isso leva ao questionamento que norteou este trabalho: “Como podemos entender o balanceamento de poder no Oriente Médio pela Guerra na Síria?”.

Desse modo, para buscar dar uma resposta a essa questão, sinteticamente, o primeiro capítulo sistematizou a teoria realista e como ela explica as desigualdades existentes na sociedade, devido aos interesses pessoais e egoístas dos atores estatais e não estatais principalmente em meados de 1990, no momento pós-guerra fria. Durante essa época, pôde ser visto também a onda de críticas que o Realismo recebeu por se prender ao método digamos arcaico dos séculos passados baseados na situação dos europeus e países desenvolvidos.

Foi possível discorrer que o objetivo central do realismo, o poder, tanto quanto a sobrevivência desencadeia na verdade uma tentativa de equilibrar o conceito de balança de poder, em que seguindo o conceito tradicional, se deve procurar eliminar as diferenças gritantes entre as relações interestatais em forma de impedir o surgimento de um ator bem mais poderoso que o restante. Consequentemente, devido ao receio no sistema internacional, acaba se criando as chamadas alianças. Logo, é percebido como o cenário é cheio de privilégios aos de mais poder, ocasionando assim uma assimetria, pois há desigualdade entre os estados, tornando um ciclo vicioso.

Com isso, é claro o fato do sistema de equilíbrio de poder não ser capaz de manter a paz, no entanto, muitas vezes leva a conflitos, seja porque eles estabelecem um equilíbrio de poder requer guerra, seja porque o equilíbrio em si não é garantia de paz. Além disso, experiências recentes nos convenceram de que, além do Estado, há outros atores importantes nas relações internacionais, e cujas atividades podem não se encaixar

no esquema de equilíbrio de poder, por causa de seu poder, não apenas através da força militar, seus objetivos agora sempre só expansionistas.

No segundo capítulo foi discorrido sobre como a região Síria foi estruturada durante os anos onde as divisões sectárias do país foram claramente evidentes, abordando desde o império otomano até a chegada do partido Baathista ao poder. O qual, por mais que tenha incentivado o crescimento e a saúde de pequenas cidades rurais – proporcionando empregos públicos e instalações que contribuía para o dinamismo econômico local e proporcionavam aos moradores amplas avenidas de emprego – começou o seu regime a partir de golpes.

Em um segundo momento, foi relatada a chegada de Bashar Al-Assad no poder, este que era um cenário inimaginável até o momento em que seu irmão mais velho saiu de cena devido a um trágico acidente que o levou a falecer. Desse modo, por mais que Bashar tenha crescido nesse meio político por causa não só de seu pai, mas a família como um todo, ele não possuía o padrão para seguir como governante e ser querido pelo povo, ou seja, não era uma figura carismática.

Quando a primavera árabe estourou, foi então compreendido que o sistema sírio continuava a rodar em inércia por anos, até mesmo porque Bashar já vinha apresentando umas mudanças drásticas de comportamento econômico e político, deixando a população descontente, a qual se juntou ao movimento e fez surgir o embate povo contra governo. Com isso, eventualmente, após uma década de rápido crescimento populacional, deterioração socioeconômica fora das cidades, e reformas, o desastre da Síria finalmente atingiu. A longa revolta nas áreas rurais e nas periferias urbanas havia sido mascarada durante anos por um progresso superficial, como a abertura de bancos privados e o enorme aumento na posse de automóveis. Por consequência, a mutação do território da Síria resultou em uma crise socioespacial que o regime não previu e pode ainda desconhecer.

No terceiro capítulo, procuramos entender mais a fundo sobre a balança de poder na Síria, de como eram as consequências das escolhas de Assad e como ele era visto não só regionalmente, mas no âmbito internacional. A partir desse estudo de caso, percebe-se como Al-Assad usa o mesmo argumento em muitos dos seus discursos, afirmando que a Síria é vítima de uma conspiração por atores estrangeiros que usam o sectarismo para alcançar seus objetivos, contudo, ao mesmo tempo faz tudo o que pode para dividir seus cidadãos sunitas mais do que qualquer outra coisa, por conseguinte, a guerra

revelou as profundas rachaduras no sistema de poder que Bashar herdou de seu pai e sua incapacidade de reformá-lo.

O que se passa regionalmente na Síria hoje é um conflito armado entre forças opressivas, onde de um lado se tem o regime e do outras forças armadas extremistas enquanto “apadrinhadas” por terceiros. Os interesses constituintes são principalmente dos Estados Unidos, Arábia Saudita e potências europeias contra ao governo Bashar Al-Assad, se empenhando cada vez mais para derrubá-lo. Já a favor está sobretudo a Rússia, a China e o Irã – o qual desde o início se aliou ao comando sírio e se envolveu militarmente no conflito. Contudo, estes dois países vêm recuperando as forças de Assad nacional e internacionalmente, enquanto os Estados Unidos procura buscar sua potência novamente nessa balança de poder.

O complicado cenário da região síria não é algo fácil de conter pelo fato que há muitas regiões e interesses envolvidos – não só religiosos, como também econômicos, sociais e políticos. Sendo assim, o que faz essa conjuntura ser tão atual e duradoura, pois ninguém se mostra propício a querer abaixar a guarda, tanto que as partes partiram para o confronto terrestre. Outroassim, ainda há uma das questões mais difíceis e importantes quando se analisa o contexto atual da Síria, que são os cidadãos que lutam pela sua sobrevivência e, além de tudo pelos seus direitos. Em vista disso, o desfecho do conflito sírio será importante para definir o futuro do Sistema Internacional no século XXI, pois o grau de flexibilidades ou consistência das atuações entre todos os envolvidos poderá prevalecer a cooperação ou a continuidade do embate.

Destarte, é compreendido então, apesar desses acontecimentos estarem enquadrados especificamente na dinâmica das soberanias no embate sírio, em temos gerais evidenciam também as experiências de ambições individuais entre os envolvidos, para assim compreender o porquê parecem desafiar elementos importantes do status quo do sistema internacional – não só alcançam a questão política, mas também em uma variedade de contextos ao redor do mundo. Por esta razão a pesquisa, em suma, almejou produzir uma crítica através de uma explanação ao longo da história da Síria, onde inicialmente, a guerra civil parecia inevitável, mas que agora é uma realidade de uma guerra civil prolongada, na qual membros preocupados da comunidade internacional não podem esperar parar a violência, a menos que abram os olhos para suas causas principais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABABSA, Myriam. **Fifty Years of State Land Distribution in the Syrian Jazira. Cairo Papers of Social Science: Agrarian transformation in the Arab World.** New York: The American University in Cairo Press v. 32, n. 2, 2013.

A DERROCADA DO CALIFADO: veja como o Estado Islâmico perdeu território na Síria e no Iraque em 2017. São Paulo, 29 dez. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/a-derrocada-do-califado-veja-como-o-estado-islamico-perdeu-territorio-na-siria-e-no-iraque-em-2017.ghtml>>. Acesso em: 26 mai. 2018.

A GEOPOLÍTICA DO CONFLITO SÍRIO: interesses conflitantes e guerra assimétrica por procuração. Recife, 26 jul. 2017. Disponível em: <<https://voxmagister.com.br/2017/07/26/a-geopolitica-do-conflito-sirio-interesses-conflitantes-e-guerra-assimetrica-por-procuracao/>>. Acesso em: 26 mai. 2018.

ATAQUES DELIBERADOS CONTRA CIVIS E USO DE ARMAS QUÍMICAS CONTINUAM NA SÍRIA, ALERTA COMISSÃO DA ONU. Rio de Janeiro, 06 set. 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/ataques-deliberados-contra-civis-e-uso-de-armas-quimicas-continuam-na-siria-alerta-comissao-da-onu/>>. Acesso em: 26 mai. 2018.

ASSAD ON THE BACK FOOT. Beirut, 04 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.economist.com/middle-east-and-africa/2015/04/04/assad-on-the-back-foot>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

BALANCHE, Fabrice. **Sectarianism in Syria's Civil War.** Washington: The Washington Institute for Near East Policy, 2018.

BARRETT, Roby C. **The Collapse of Iraq and Syria: The End of the Colonial Construct in the Greater Levant.** Florida: JSOU Press MacDill Air Force Base, 2016.

CARR, Edward Hallett. **Vinte Anos de Crise: 1919-1939: Uma Introdução ao estudo das Relações Internacionais.** Trad. Luiz Alberto Figueiredo Machado. Brasília: UnB, 2001.

CIDADE SÍRIA DE IDLIB NAS MÃOS DE EXTREMISTAS LIGADOS À AL-QAEDA. Lisboa, 28 mar. 2015. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2015/03/28/mundo/noticia/cidade-siria-de-idlib-nas-maos-de-extremistas-ligados-a-alqaeda-1690682>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

COSTA, Renata Parpolov. **Uma história da Síria do século XXI para além do Sectarismo Religioso.** Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras, 2016.

DESSOUKI, Ali Hilal. **The Foreign Policies of Arab States: The Challenge of Globalization.** New York: The American University in Cairo Press, 2008.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. **Todo império perecerá.** Brasília: Edunb, 2000.

EASTERN EXPECTATIONS THE CHANGING DYNAMICS IN SYRIA'S TRIBAL REGIONS. Lebanon, fev. 2017. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/files/CMEC_64_Brief_Khaddour.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2018.

ELLIOT, Kimberly Ann; MUIR, Julia; HUFBAUER, Gary Clyde; SCHOTT, Jeffrey J. **Case 2011-2: EU, US v. Syrian Arab Republic.** Case Studies in Economic Sanctions and Terrorism. Washington: Peterson Institute for International Economics, 2011.

EM TRÊS ANOS ESTADO ISLÂMICO PERDEU 80% SEU TERRITÓRIO NA SÍRIA E NO IRAQUE. São Paulo, 10 jul. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/estado-islamico-ja-perdeu-mais-da-metade-de-seu-territorio-na-siria-e-no-iraque.ghtml>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

ENGDAHL, William. **A Century of War Anglo-American Oil Politics and the New World Order.** London: Pluto Press, 2004.

ERLICH, Reese W. **Inside Syria: The Backstory of their Civil War and what the world can expect.** New York: Prometheus Book, 2014.

FRENTE AL-NUSRA NA SÍRIA ANUNCIA RUPTURA COM AL-QAEDA. São Paulo, 28 jul. 2016. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/07/frente-al-nosra-na-siria-anuncia-ruptura-com-al-qaeda.html>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

GILPIN, Robert. **War and Change in World Politics**. United Kingdom: Cambridge University Press, 1981.

HALL, Clement M. **The history of Syria: 1900-2012**. Boston: Charles River Editors, 2013.

HELLINGER, Bert. **Conflito e paz – uma resposta**. São Paulo: Cultrix, 2007.

HINNEBUSCH, Raymond. **Syria: Revolution from Above**. London: Routledge, 2001.

HUDSON, Michael C. **Middle East Dilemma: The Politics and Economics of Arab Integration**. Georgetown: Center for Contemporary Arab Studies Georgetown University Tauris Co. Ltd, 1999.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

KAUFMAN, Stuart J.; LITTLE, Richard; WOHLFORTH, William C. **The Balance of Power in World History**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

KEERSMAEKER, Goedele De. **Polarity, Balance Of Power and International Relations Theory: Post-Cold War and the 19th Century Compared**. London: Palgrave Macmillan, 2017.

LEWIS, Bernard. **O Oriente Médio: do advento do cristianismo aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe** (Trad. Antonio Caruccio-Caporale). São Paulo: L&PM Editores: Porto Alegre, 2011.

MATIJASCIC, Vanessa Braga (Org.). **Operações de manutenção de paz das Nações Unidas: Reflexões e Debates**. São Paulo: UNESP, 2014.

MOUBAYED, Sami M. **Steel & Silk: Men and Women who shaped Syria 1900–2000**. Seattle: Cune Press, 2006.

MORGENTHAU, H. J. **Scientific Man vs. Power Politics**. Chicago: The University of Chicago Press, 1948.

NOGUEIRA, J. P.; MESSARI. **Teoria das Relações Internacionais: Correntes e Debates**. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

OLIVEIRA, Dimitri. **Unipolaridade do Sistema Internacional: Proposição, Debate e Revisão**. Porto Alegre: Trabalho de Conclusão ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da UFRGS, 2011.

OWEN, Roger. **State, Power and Politics in the Making of the Modern Middle East**. London: Routledge, 2006.

O VERDADEIRO PODER DE BASHAR AL-ASSAD. Portugal, 06 mar. 2017 (50 min.). Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yG_AWosIFQ> Acesso em: 13 abr. 2018.

PAUL, T. V.; WIRTZ, JAMES J.; FORTMANN, Michel. **Balance of Power: Theory and Practice in the 21st Century**. California: Stanford University Press, 2004.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Introdução às Relações Internacionais: Temas, Atores e Visões**. Petrópolis: Vozes, 2004.

PELIZZOLI, Marcelo L. **Cultura de paz – educação do novo tempo**. Recife: Ed. da UFPE, 2008.

RINALDI, Patrícia Nogueira. **Assimetria nas Relações Internacionais: uma análise comparativa do conceito para Aron, Bull e Waltz**. São Paulo: Revista de Iniciação Científica da FFC (v. 14 n.1), 2014.

SAHNER, Christian C. **Among the Ruins Syria Past and Present**. United Kingdom: Oxford University Press, Inc., 2014.

STACHER, Joshua. **Reinterpreting Authoritarian Power: Syria's Hereditary Succession**. Washington: The Middle East Journal, v. 65, n. 2, 2011.

SYRIA: the strategy has backfired. England, 29 set. 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/sep/29/syria-brink-of-solution>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

SYRIA IS THE CURRENT THEATER FOR STRATEGIC COMPETITION: Time to Step Up. New York, 03 maio 2018. Disponível em: <<https://www.csis.org/analysis/syria-current-theater-strategic-competition-time-step>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

TAWIL, Marta. **La política exterior de Siria en el marco de la Sublevación Popular.** México: El Colegio de México, A.C. Distrito Federal, 2012.

THE POLITICAL GEOGRAPHY OF SYRIA'S WAR: An Interview With Fabrice Balanche. Lebanon, 30 jan. 2015. Disponível em: <<http://carnegie-mec.org/diwan/58875>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

THE STRUGGLE FOR SYRIA'S REGIONS. Richmond, ago. 2013. Disponível em: <<https://www.merip.org/mer/mer269/struggle-syrias-regions>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

WALTZ, K. N. **Theory of International Politics.** Reading, Mass.: Addison-Wesley Pub. Co, 1979.

WILLIAMS, Paul. **Security Studies: An Introduction.** 2ª ed. New York: Routledge, 2013.

ZISSER, Eyal. **Commanding Syria Bashar Al-Assad and the First Years in Power.** New York: I.B.Tauris Co. Ltd, 2017.